

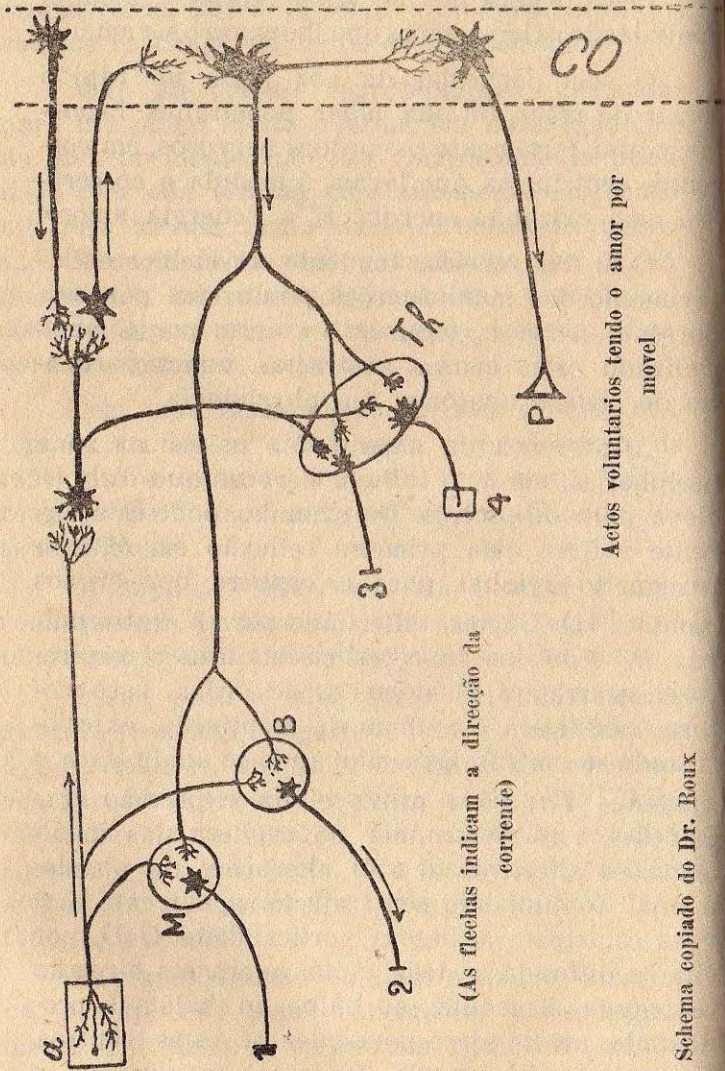
Pelos órgãos dos sentidos recebe o amante apaixonado as impressões que lhe causa o ser amado.

O som particular da voz d'este, um rapido cerrar de mãos, ou um olhar penetrante, fazem-lhe vibrar fortemente os cordões nervosos, em correntes centripetas que levam á medulla e ao cerebro uma extranha energia. E' a «energia amor.»

Com um schema, tendente ao melhor esclarecimento das manifestações produzidas por esta corrente nervosa, teremos até certo ponto materializado estas cousas abstractas, nunca perdendo de vista a anatomia e a physiologia.

A presença da amante faz nascer na zona peripherica, em *a*, o influxo nervoso que d'ahi se eleva para os centros. De caminho, póde esta corrente soffrer uma primeira reflexão em *M*, centro genito-espinhal, para a esphera dos órgãos genitales (1). Depois, inflectindo para o centro bulbar *B*, séde das funções circulatoria e respiratoria, acarretará phenomenos de ordem vaso-motora, modificará o rythmo da respiração, exteriorizando-se em (2). Encaminhando-se ainda para o thalamus *Th*, séde provavel da expressão das emoções, virá determinar na esphera das manifestações affectivas (3 e 4) alterações de physionomia. Continuando seu trajecto, a corrente nervosa centripeta attinge a corticalidade *C O*, por ella se diffunde, e della volta, agora em direcção centrifuga, á medulla, ao bulbo, ao thalamus, produzindo actos correspondentes a estes centros. Uma parte da energia nervosa que alcançou a

## MANIFESTAÇÕES CORTICAES



(As flechas indicam a direcção da corrente)

Actos voluntarios tendo o amor por  
moel

cortex irá provocar em *P* as manifestações voluntárias da paixão.

Tal é o mecanismo tanto do amor normal como do pathologico, porque este não é mais que o exagero morbido daquelle.

Vem da excessiva energia recebida e repetida a cada novo encontro com a amante, a razão de ser do estado geral de excitação do apaixonado, denunciando-se na sua actividade maior: mais loquaz, gesticulando amplamente, olhar inquieto e vivo, passos largos, agitados, acceção dos movimentos do coração, que pulsa com mais intensidade sob a influencia da vasoconstricção generalisada.

E' um estado de hypertensão. Parece que "uma força physica" lhe penetrou o organismo. E realmente o amor, vê-se, é um reflexo, como o rotuliano, o masseterino ou outro qualquer da economia.

Tal como nesses actos physiologicos, recebida a impressão do exterior, origina-se a corrente centripeta, que toca o eixo cephalo-rachidiano em qualquer ponto, depois reflue centrifugamente, causando movimento — contracções musculares. Estas tanto se pôdem dar no triiceps sural, masseter e outros, como nos musculos productores da voz, nos motores da mão que escreve, gesticula ou empunha uma arma homicida. Sempre a reacção sobrevem á acção. E é por isso que, quando um obstaculo qualquer se interpõe á corrente nervosa, tolhendo-lhe o curso, interceptando-lhe a consecutiva des-

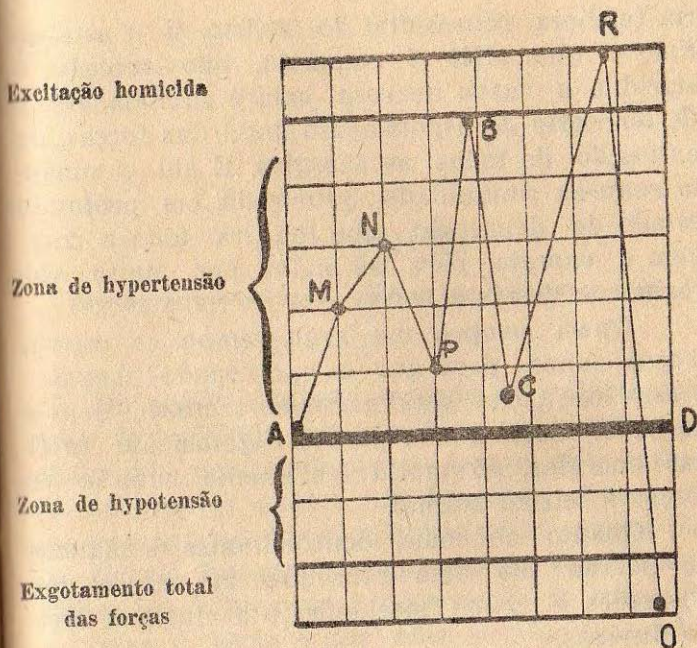
carga que devera ter, vemol-a accumular-se nos respectivos centros, produzindo o augmento geral da tensão nervosa, instabilisando-lhe o equilibrio.

O quadro que Fleury propõe para melhor esclarecer estas oscillações de energia é bem elucidativo.

E' a maneira da curva febril na pneumonia ou na febre typhoide, a curva nervosa na intoxicação pelo amor.

A linha horizontal *AD* representa o equilibrio normal das forças. Acima, está toda a zona de hypertensão com o seu limite maximo — a excitação homicida; abaixo fica todo o territorio de hypotensão fronteira ao esgotamento total das forças.

As successivas emoções recebidas pelo amante a cada approximação da amada, determinam logo um levantamento da tensão nervosa, que irá até *M* ou *N*, ahi permanecendo por algum tempo, com ligeiras oscillações, ora para mais, ora para menos. De *N* a tensão baixa até *P* em qualquer esforço de eliminação da idéa obsidente, de separação da mulher. Do fracasso de tal esforço agrava-se esse estado de cousas, e a corrente attinge a *B*, onde o doente, quasi no maximo da tensão nervosa, tenta suicidar-se ou espanca a mulher adorada. Então arrepenido, envergonhado, foge, desapparece, ausenta-se por vinte dias, procura distrahir-se, curar-se, e a curva nervosa vem a *C*, aproximando-se do equilibrio normal das forças.



Mas, eis que surge uma recalhida, porque o nosso enfermo, não supportando a ausencia da bem amada, volta e de novo se entrega a ella, intoxicando-se até ao auge. Por essa ocasião, a excitação sóbe ao extremo, attinge ao paroxismo, invade o gráo das destruições, decreve a curva *R*, curva perigosa de ser dobrada, e onde de continuo, descarrilla o juizo, determinando accidentes e consequencias serias: ferimentos graves, actos de homicidio e suicidio.

Compensada esta excitação extrema, a que o levaram as reiteradas energias recebidas, que se descarrogam na pratica inevitavel e involunta-

ria (embora consciente) do delicto, si a este ultimo o que aliás é commum, não succede o suicidio, a curva nervosa cahirá subitamente a O, territorio do esgotamento total das forças, da extincção de todas as energias. E ahi, o amante sente-se aniquillado, prostrado, em profundo estado de depressão, que lhe tira toda a coragem e energia para se matar, por muito que realmente deseje a morte.

Quasi sempre um largo tempo se escoou mezes, annos, para que o apaixonado chegasse a essa exaltação maxima, como tambem, depois de haver descambado para o esgotamento total das energias, só muito lentamente subirão as forças á tensão normal.

Quanto ao mais, concomitantes somaticos da paixão são uma consequencia natural das obsessões, e o seu mechanismo a ninguem deixa duvidas.

---

## CAPITULO III

### **Symptomatologia. Grãos de intoxicação**

#### I

Dir-nos-ão que este capitulo aqui figura por mera formalidade, porquanto o diagnostico da intoxicação pelo amor, quasi sempre pela confissão do proprio doente, não haveria razões para que se cogitasse dos symptomas de tal estado. Estes, demais, francamente apreciaveis e geralmen-conhecidos, sobresaem á observação de todos.

Mas, o certo é que elles só não têm valor aos olhos dos que se limitam a ver sem agir, observar sem concluir. Para nós, porém que, em seguida ao diagnostico, teremos de tirar, não só das causas, como dos symptomas principalmente, as indicações para o tratamento, tem o seu estudo a maxima importancia.

Os principaes signaes precursores do amor-morbido pertencem todos á esphera cortical. E, na entrada de fórmula lenta que se observam e já nos dous capitulos anteriores ficaram mais ou menos esboçados. Repetil-os aqui seria fastidioso. Direi, comtudo, que a manifestação mais precoce e mais caracteristica é a preocupação crescente com a pessoa amada.

Esta enfeixa, finalmente, todas as cogitações do amante. «Tornei a vel-a!... Pódem o sol, a lua e as estrellas fazer as suas revoluções como entenderem: já não me importa que seja dia ou noute, o mundo já não existe mais para mim!» (1)

De facto, pensa-se nella a todo momento, começam a canalizar-se para ella um numero cada vez maior de especulações mentaes.

Cresce em nosso cerebro sua imagem representativa, progressivamente mais clara, mais nitida, mais presente. E a imagem hypertrophia-se, alastra-se com extranho vigor, envolvendo em seus tentaculos resistentes as demais representações, que subjuga, impondo-lhes o seu dominio tyrannico.

Já então é a idéa fixa, pathognostica da intoxicação pelo amor.

E o apaixonado esquece o mundo externo. «Este eclipse do Universo, que é o meteoro caracteristico da paixão, torna-se total e duravel, em lugar de ser parcial e momentaneo. *Ella e Eu. Eu e Ella* — e eis tudo; além, nada mais existe. Os filhos o marido, a familia, o dever, a honra, tudo isso não é mais que um sonho que, mal nasce, logo se dissipa, e infinitamente muito fraco para alimentar o menor remorso.» (2)

Torna-se imaginativo, occupa-se em scismar. Procura a solidão, o isolamento, foge para

(1) Goethe — Werther : carta XII

(2) Tarde — Etudes pénales et sociales — pg. 161



os logares ermos e silenciosos. Vive triste, enervado. Esquece suas necessidades physicas, obrigações profissionaes não as cumpre; principios de familia, de educação, deveres de sociedade não lhe parecem existir; preocupações intellectuæes desaparecem.

Para elle só a bem-amada lhe dá a razão de ser, ella só lhe interessa.

O somno ha muito que lhe fugiu: quasi todá a noute é uma longa vigilia desesperadora e cruel.

Tenta distrahir-se, dormir — inutil. Impaciente, levanta-se: o leito parece-lhe de Procusto. Arde em excitação angustiosa, procura a janella, devora um cigarro, move-se com agitação passa nervosamente as mãos pelo cabello. E exclama.

— Ah! Que duro soffrimento! Que situação exeruciante! Sempre a mesma imagem! Sempre a mesma idéa!... Não; positivamente... eu tenho necessidade d'*Ella*.

Veste-se, agitado, e sae.

Nas ruas caminha somnambulescamente.

Pallido e magro, acotovellando a multidão, que parece não ver, de olhar introspectivo perdido naquelle ideal interno, vai levado pelos seus passos, em direcção da casa della.

Chega e hypnotisa-se deante das janellas fechadas...

Immovel, em extase, ahi se deixa ficar largo tempo, embevecido, absorto na contemplação daquellas paredes altas, que lhe occultam ferozmente o idolo querido.

Afinal, conclue :

— Esta paixão infeliz, de magua immensa, só o alcool poderá abafal-a.

Si a bem amada lhe apparece e em companhia d'elle permanece por algumas horas ou uma noute, traz-lhe prompto allivio ás dores, doce paz ao espirito.

Está alegre, loquaz, em ameno repouso d'alma.

Cobre de caricia aquella cabeça querida, respira o aroma inebriante da sua cabelleira basta, emociona-se adoravelmente ao som da sua voz dulcissima, satura-se do fluido mysterioso que vem desse olhar divino, e sae depoois, todo penetrado d'elle, mais apaixonado do que hontem — «mais intoxicado que nunca».

«Desgraçado ! Estarás doido ? Não te andarás illudindo a ti proprio ? Aonde te levará essa paixão phrenetica e sem limites ? Já não tenho supplicas senão para ella; não vejo outra imagem senão a sua; de tudo quanto existe em redor de mim, os meus olhos só vêm o que com ella se relaciona ! São essas unicas horas que tenho de felicidade... até o momento em que sou forçado a arrancar-me d'ao pé della.

« Ah ! Guilherme ! Para onde me leva tantas vezes este pobre coração ! Quando asentado junto della, passo duas, tres horas a contemplar aquelle semblante, aquelles gestos, a inebriar-me da celeste expressão das suas palavras, vão-se-me pouco a pouco exaltando

os sentidos, perturba-se-me a vista, mal posso ouvir, sinto-me estrangulado por mão vigorosa. Então, este coração palpita violentamente, procurando desopprimir-me o peito... e ella, inconscientemente, vae augmentando a minha perturbação... Asseguro-te, Guilherme: ha momentos em que não sei se estou vivo! E, nesses momentos, si esta dôr se torna intoleravel si Carlota me não concede o triste allivio de lhe banhar as mãos com o pranto do meu peito oppresso... Oh! então tenho de sahir d'ali, de correr como um doido pelos campos fóra, trepando aos penedos escarpados, abrindo caminho pelo matto espesso, rasgando as carnes nos espinhos das sebes!

«... Sinto-me então um pouco melhor... um pouco!... Depois, prostrado pelo cansaço, ali fico, pelos caminhos, de noite, a lua a bater-me em cheio; ou então num bosque solitario, assentado em qualquer velho tronco de arvore, para allivio dos pés magoados, deixo-me adormecer, num somno delirante, offegante... » (1)

Quando o apparecimento da bem-amada é imprevisto, inesperado, mostram-se no apaixonado claras perturbações, resultantes da forte emoção recebida.

Um como calefrio subito que lhe percorre o corpo, em influxo nervoso instantaneo, abala-o todo vibratoriamente, interceptando-lhe de

---

(1) Goethe — Werther — carta XXXVII.

momento a respiração, cujo rythmo se quebra, angustiando-lhe a garganta, represando-lhe a voz em franca dysarthria, reflectindo-se em amplas palpações que lhe dão uma sensação penosa de vasio na arca do peito, manifestando-se em movimentos desordenados e tumultuarios do pulso, exteriorisando-se na vaso-constricção peripherica, productora da pallidez que o reveste, repercutindo em ephemera fraqueza dos membros inferiores, vacillantes.

E' um «mal-estar delicioso».

A impulsão, a consciencia do seu estado e a afflicção que o acompanha são manifestações constantes de todo apaixonado de amor.

O soffrimento é uma consequencia do conhecimento, que tem dá sua situação, da idéa que se implantou no cerebro e ahi aprofundou raizes, submettendo as demais funções do órgão predominando, reinando em absoluto.

A tendencia irresistivel para a posse do ser amado, contra a qual falham quasi todas as tentativas de reacção da energia enfraquecida, da vontade parsiada, arrasta-o á pratica de actos imprevisos, variados e absurdos.

D'ahi, a extrema variabilidade dos symptomas, que se não restringem a nenhum quadro clinico, nem se submettem a regras prefixas, nem se enfeixam em resumos. A symptomatologia é sempre aqui uma resultante do character, com elle parallelamente se modifica, individualisa-se em cada caso particular.

E para relatal-a, não poderemos fazer melhor, maximé em trabalho de medicina, que citar observações a tal respeito.

O que se vai ler, primeiro é uma carta authentica, escripta por um estudante de direito a uma baixa prostituta do quartel latino em Paris e que recebia, cada noute um novo homem em seu leito.

«Minha doce Nadia. Ai de mim ! Deve estar já muito longe de vossa lembrança quem se compraz hoje em pronunciar o vosso nome e em sonhar comvosco ; porque não sois para mim mais que um sonho, sonho feliz, encantador, entrevisto durante alguns instantes e talvez extinto para todo o sempre.

Esta idéa me despedaça o coração. Soubestes encantar-me, por alguns minutos deixastes-me gozar a embriaguez de um beijo colhido em vossa bocca, depois, puzestes-me de lado. Não se teriam nossas almas comprehendido? Nunca mais poderei tornar a ver-vos ? Porque me despedistes ? Eu não soube agradar-vos.

Mas, perguntareis talvez quem sou para falar assim ? Sou aquelle moço que encantrastes, uma tarde, quarta-feira ultima, e a quem permittistes acompanhar-vos de carro até á casa. Nadia, minha doce Nadia, minha bem amada, lembrai-vos d'elle ?

Esta carta, antes de fechal-a, cubro-a de beijos. Quero que ella seja para vós uma censura e que me vingue no meu amor ferido. Que disse eu ? Perdão. Vingar-me ! Não. Que

esta carta sirva antes para mais depressa fazer esquecer-me de vós, mas que vos diga, todavia o ardor e a violencia do meu amor.

Eu vos affirmo, minha bem amada, que o meu coração de vinte annos ama pela primeira vez, mas que ama com paixão, com ciume.

Porque me não escrevestes ? Quando, entretanto, no carro, agarrei vossas luvas, foi para ahi deixar meu nome e meu endereço. Não escrevestes : é que me desprezais.

Uma palavra sómente. Não digaes : Eu vos amo — mas, apenas : Permitto-vos amar-me. E serei feliz, e irei a vós, e poderei repousar um pouco sobre vosso coração.

Espero uma palavra, sómente. Prometto, todavia, não mais aborrecer-vos, porque, si não respondeis, é que desejais romper para sempre.

Adeus, talvez adeus para nunca mais, doce e bella Nadia.

Beijo mil e mil vezes esta carta antes de fechal-a, e peço-vos creiais no meu amor sincero». (1)

Ahi está uma carta reveladora de verdadeira paixão, e que seu auctor escreveu com sinceridade, porque o provou em seguida.

«Uma senhora de trinta e dous annos encontra, algum tempo após o seu casamento, um homeu de classe mais elevada que seu marido : logo se apaixona por elle ; lamenta-se da sua posição, fala do marido com desprezo. Só o que ella ama possui todas as boas qualidades. Acima del-

---

(1) Laurent—obra citada.

le nada existe. Escreve-lhe cartas onde brilha a paixão ao mesmo tempo mais casta e mais ardente. E' encontrada algumas vezes, em extase, olhos fixos em qualquer visão chimerica, pupillas allucinadas ; seus labios murmuram o nome do amado. Repelle as caricias do marido, recusa vel-o, falar-lhe, assentar-se a seu lado, participar do seu leito. Não vê mais que seu amor ; olhos eternamente fixos na imagem querida. Em pouco tempo tornou-se de tal modo insupportavel, commetteu tantas extravagancias, que o marido, separado della, fez internal-a» (1)

«O celebre physiologista italiano Fodera, na idade de cincoenta annos, apaixonou-se por uma moça, sua vizinha. Um dia olha da rua com extase para a graciosa criança, que, visando desembaraçar-se daquelle importuno, atira-lhe um vaso cheio de immundicias. Fodera não se desengana, ao contrario, vê nesse acto uma prova de amor, e, cheio de alegria, entra em casa. No quintal encontra um frango que declara assemelhar-se extremamente á moça amada : apanha-o logo, cobrindo-o de beijos e caricias. Tudo é permittido ao precioso animal: sujar os livros, os moveis, as roupas, empoleirar-se mesmo no leito de seu dono». (2)

Marcello T..., aquelle interno de um dos laboratorios do Instituto Pasteur, em Paris, já ci-

---

(1) Laurent — Obra citada.

(2) Laurent — Obra citada.

tado no capitulo anterior, escreveu á mulher por quem se apaixonára este carta :

«Por vós, eu quizera tornar-me muito celebre, fazer grandes cousas! quizera pôr aos vossos pés um pouco de gloria, porque não tenho outro encanto; mas, desde que vos amo, senhora, juro-vos, não posso mais trabalhar. Quasi sempre meus olhos estão obscurecidos de lagrimas e o meu pensamento não vê mais nada claro. Vivo como numa bruma, onde nada existe, a não ser a visão continua de vossa cabeça bem amada. Não sou mais intelligente, e, parece-me, de ora em diante, nunca mais servirei para cousa alguma. Si soubesseis qual é o desespero para um homem que não tem outra razão de ser que seu cerebro!

O meu está desorientado. Tenho medo, vejo tudo negro diante de mim, e, entretanto, daria a ambição da minha juventude para estar seguro de que vós me amais um pouco». (1)

J. S..., de vinte annos presumiveis, filho de distincta familia desta cidade de P. Alegre, é um desequilibrado, sujeito a accessos epileptoides.

Ha em seus antecedentes uma irmã alienada e suicida, irmãos excêntricos e alcoolatas. Sua mãe é hysterica.

J. S..., apaixonado por uma joven mestiça, já passada pelas mãos de muitissimos homens e com quem é amasiado, vae para dous annos, con-

---

(1) Maurice Fleury — Obra citada.



sagra-lhe um amor excessivamente doentio, cometendo os actos mais extravagantes e vergonhosos.

A afeição que dedica a essa mulher é extrema, não lhe permite nenhuma occupação, absorve-lhe por completo qualquer actividade. Sob o ponto seu estado lamentavel com os excessos e loucuras a que o tem conduzido o ciume.

Não vive em paz: e o seu amor é muito mais de padecimentos que de prazeres, porque raro é o dia em que seu espirito está calmo e socegado.

Mal surge nelle a desconfiança de que a bem amada dirigiu um olhar suspeito de malicia a outro homem, ou com esse trocou equivocadas palavras, ou por mais tempo lhe apertou a mão, e ail-o levantando turbulenta scena de ciume, onde reciprocamente se cruzam violencias phisicas com incriveis insultos obscenos. E isto, diversas vezes, tem terminado por tentativas de assassinato e suicidio.

De uma feita, disparou contra si o revolver na orelha direita, vindo a bala a sahir pela face esquerda, pouco acima da borda dentaria do maxillar inferior, deixando na pelle uma cicatriz permanente. De outra, desferiu uma punhalada no peito, sobre o coração, rasgando as carnes do thorax. De outra ainda, ingeriu diversas drogas toxicas que lhe não produziram a morte desejada, mercê do soccorro prompto e benefico da assistencia publica.

Quando a amante se esquiva delle, assustada de suas loucuras ou revoltada contra o seu

frequente estado de embriaguez, então, é de vel-o, rebaixado, amesquinhado, mais se achincalhar em supplicas de perdão, implorando amor, promettendo regenerar-se, não mais a fazer soffrer.

E' delle este bilhete:

«Presada M...»

«Vem cá um momento, quero que me perdões; perdôa este infeliz que alguma vez te incommoda. Tem pena da minha infeliz sorte; lembra-te que até minha vida dou por ti; amo-te muito e muito, como sabes. Prometto que não te farei soffrer mais; si alguma vez te incommodo, é levado pelo ciume. Peço a Deus que nos dê paz para vivermos, porque só tenho intenções boas para contigo, mas por emquanto sou infeliz».

Sempre teu

J. S...»

Uma occasião em que a mulher se mostrára mais immutavel aos seus rogos, parecendo não querer ceder, J. S..., em plena rua, desvairado, desatinado de amor, pungido pelo abandono, lança-se de joelhos a seus pés, chora a sua desdita, pede que o perdôe, que lhe permitta voltar á casa della.

E ella, que tem mais coração que cabeça, porque mais sente do que pensa, lá se deixa arrastar outra vez pelas lagrimas faceis desse desventurado mendigo de amor.

Recebe-o de novo:—e de novo se reproduz o mesmo quadro de amor doente.

\*\*

Uma complicação frequentissima da paixão, e de consequencias a miude funestas, é o *ciume*.

O ciumento vive mergulhado numa duvida cruel, todo penetrado do temor de ser trahido pela amante. Padece redobradamente; longe della não descança. Imagina-a nos braços de outrem, de qualquer rival feliz, que todos lhe parecem superior a elle: ou, ás occultas acompanha-lhe os passos; ou de surpresa, surge aqui, ali, onde quer que possa encontrar uma prova da sua infidelidade. Perto della, ainda não tem repouso. Observa-lhe os menores gestos, o seu perfume, aspira-o, desconfiando; sua conversa inquieta-o; examina-a toda, inquirindo com impaciencia da origem disto ou daquillo; revista-lhe as vestes, procurando uma prova odiosa da sua falta.

Nada encontra, e ainda mais inquieto está.

Tem ancias de sondar-lhe o pensamento, de atravessar a parede ossea daquella testa pequena, que lhe occulta toda a verdade, todas as provas da sua grande desgraça.

Mas, só encontra indícios, só ha supposições; por isso, não querendo ser injusto, vae supportando, soffrendo a sua immensa desdita.

Outros ha, ciumentos, que trazem a convicção radicada da culpa da amante. E então cercam-na duma vigilancia obstinada, não lhe permittindo a menor approximação a quaesquer pessoas, nem a palestra ligeira com amigas, nem a sahida de casa a passeio ou por necessidade, nem o chegar ás janellas.

Para esses já não ha nenhuma duvida, e a conclusão a que chegaram, por falso raciocinio do cerebro viciado, é uma conclusão forte, foi cercada de todos os pontos de apoio, discutida com argumentação cerrada.

Dahi a idéa fixa do ciume reduzindo em progressão crescente o campo da actividade mental.

Ha-de essa idéa acompanhá-lo sempre, continuamente, até armar-lhe de um revolver a mão homicida.

Othello, cujo amor e ciume por Desdemona obscurecera-lhe o espirito, toldára-lhe o juizo, ao ponto de dar convicto credito ás insufficientes denuncias de Cassio, mata seu sincero amigo Yago e estrangula a honesta, formosa e infeliz Desdemona.

O ciume é, ás vezes, intermittente, paroxístico.

Accommette sob a fórma de accessos, passageiros mas violentos, e aos quaes predispõem causas varias em essencia, porém identicas nos efeitos.

Mudanças rapidas na atmospherá, o estado electrico do ar ao preceder o desencadear de uma tempestade, accrescem as vibrações nervosas do ciumento, excitando-o.

Irritam-lhe os neuroneos centraes, sensibilizando-o, toxinas entradas na corrente circulatória, oriundas de fermentações gastro-intestinaes por alimentação impropria; o uso de bebidas alcoholicas, enervantes.

Toda uma noute de vigilia, ou outra qualquer acompanhada de sonhos máos, pesadelos, criam uma situação favoravel ao despertar do ciume.

\*  
\* \*

Uma observação de interesse é a daquelle ciumento J...., casado com uma mulher de grande belleza, amavel, instruida, e que elle obrigava a uma existencia penosa, praticando actos de violencia. «Si ella havia dançado, notava que tal senhor experimentava grande prazer em dançar com ella. Vira diversas vezes esse homem lhe dirigir a palavra. Si estivera ao piano, si cantára, os applausos que merecera perturbavam a cabeça do marido :

— Que direito, dizia, pôdem, pois, ter os extranhos de applaudir assim minha mulher ?

Não poudo conter-se em publico, e uma noute ultrajou a um moço, batendo-se depois em duello, donde sahiu com ferimento leve.

A moça, que amava os prazeres da idade, teve a coragem de renunciar a elles; mas esse sacrificio não bastou para aplacar os ciumes de seu marido. Foi preciso deixar Paris. Fel-o com a mesma doçura e sem mais exito. No anno seguinte, J.... injuriava sua mulher. Atirava-lhe os epithetos mais brutaes, dizia que ella occultava amantes em todos os cantos da casa. Levantava-se á noute para ir investigar e voltava sem estar satisfeito. Teriam podido, dizia elle, aproveitar sua ausencia para enganalo.

Ouvia os amantes de sua mulher, escondidos sob o sólo, dirigir-lhe zombarias e escarnerem grosseiramente da posição que lhe crearam». (1)

Esse homem só era ciumento e usava de violencias, quando em presença de sua mulher.

\*  
\*  
\*

Fleury diz de um dos seus fieis doentes, que o auctorisára a publicar o caso:

«Elle commette muitas vezes a tolice de approximar-se da mulher que ama, na sociedade, porque procura encontral-a em toda a parte a que ella vai. E tudo marcha muito bem durante as primeiras horas da noute. Está calmo, feliz por vel-a, bastante senhor de si para simular um galanteio a esta ou áquella mulher. Ella, por seu lado, que de nenhum modo faz com que se suspeite delles, conversa com seus amigos, distribue fortes *shake hands*, esmera-se em parecer igualmente encantadora a todos os homens. Nada mais natural. Mas, á medida que a noute avança, que a hora do jantar se afasta, que o estomago do meu ciumento está mais vasio, seu cerebro mais anemiado; seus nervos se aguçam ás luzes, vibram mais fortemente sob o rythmo das valsas. E, desde então, o menor sorriso, uma saudação graciosa, um *bonjour* amigo que ella dá a outro, deixam-no tomado de furor. Torna-se pallido e enverdece por instantes, como se sentisse colicas na alma. Recosta-se a um vão da janella, morde o

---

(1) Laurent — obra citada.

lenço, abana-se com elle, dá uma volta para acalmar sua angustia e depois retorna a se hypnotisar deante do objecto de sua exaltação.

Chega um momento em que elle não se contém mais; approxima-se della, tendo nos labios constrangido sorriso, e lhe diz á orelha uma injuria feroz, tudo o que póde achar de peor, de mais baixo: «Não sois mais que uma prostituta!» ou alguma cousa equivalente». (1)

Stendhal observára tambem um caso interessante de ciume:

«Em *Piemont*, tornei-me testemunha involuntaria de um factio mais ou menos semelhante; (2) mas, então, eu ignorava as minucias. Fui enviado com vinte e cinco dragões aos bosques da Sesia, para impedir o contrabando.

Chegando, de noute, a esse logar selvagem e deserto, percebi, entre arvores, as ruinas de um velho castello; dirigi-me para lá: com grande admiração minha era elle habitado. Encontrei ahi um nobre do paiz, de figura sinistra; um homem que tinha seis pés de altura e quarenta annos: deu-me dous aposentos, contrariado. Ahi fazia eu musica com o meu quartel-mestre; alguns dias depois descobrimos que o nosso homem guardava uma mulher, que alegremente denominámos Camilla; longe estavamos de suspeitar da horrivel verdade. Ella morreu ao fim de

---

(1) M. Fleury — Obra citada — pg. 370.

(2) Compara-o ao de Nello della Pietra, relatado por Dante.

seis semanas. Tive a triste curiosidade de vel-a em seu esquife; paguei a um monge que a guardava e, pela meia noute, sob o pretexto de lançar agua benta, elle me introduziu na capella. Achei ahi uma dessas figuras soberbas, que são bellas mesmo no seio da morte: tinha o nariz grande, aquilino, cujo contorno nobre e terno nunca mais esquecerei. Deixei aquelle logar funesto; cinco annos depois, em um destacamento do meu regimento, acompanhando o imperador á sua coroação como rei da Italia, contaram-me toda a historia. Soube que o marido ciumento, o conde de\*\*\*, encontrára uma manhã, pendurado ao leito de sua mulher, um relógio inglez que pertencia a um moço da pequena cidade onde moravam. Nesse mesmo dia levou-a para o castello arruinado, no meio dos bosques da Sesia. Como Nello della Pietra, elle nunca pronunciou uma só palavra. Si ella lhe fazia alguma supplica, apresentava-lhe friamente e em silencio o relógio inglez, que sempre trazia comsigo. Assim passou perto de tres annos, só com ella, que morreu emfim de desespero, ainda na flor da idade. Seu marido tentou dar uma facada no dono do relógio, retirou-se para Genova, embarcou, e não se teve mais noticia delle. Seus bens foram partilhados». (1)

Essas tres observações deixam entrever as varias manifestações do ciume, terrivel complicação do amor doente.

---

(1) Stendhal — Obra citada — pagina 68.



Os concomitantes somáticos da paixão derivam quasi todos do estado de debilidade, do esgotamento de forças a que conduz a vida airada, bohemia dos apaixonados.

---

## II

Quem observar, embora ligeiramente, as manifestações do amor pathologico, para logo ha de entrever claras differenças de um individuo para outro, e estados varios de intensidade em um mesmo doente.

Dahi os diversos grãos de intoxicação.

Resalta dos capitulos anteriores, do de pathogenia particularmente — na entrada de fórmula — a existencia de phases derivadas do estado mental do doente, do estado de maior ou menor obsessão.

Não pretendemos fixar limites para os periodos do amor morbido, o que seria tarefa difficil, sinão impossivel, attenta a variedade dos casos praticos, que no seu evoluir de caracter pessoal não obedecem ao rigorismo das regras fixas.

Comtudo, é possivel notarem-se dous grãos de intoxicação: um maximo o outro médio. Neste, a imagem representativa da amada sempre deixar logar a algumas cogitações mentaes de outra natureza; naquelle, ella é fixa, soberana, domina todas as demais.

## CAPITULO IV

### Tratamento. Terminações

Todo o tratamento racional deve ser dirigido contra a idéa obsidente, restringindo-lhe o desenvolvimento, tolhendo-o por completo, ou eliminando-a *in totum*.

O que se procura é afastar do cerebro a imagem sempre presente da amada, varrer do espirito essa preocupação absorvente de todos os momentos.

D'ahi, pois, o sequestro temporario e os derivativos da attenção, como meios principaes e poderosos.

A separação raras vezes póde ser feita de subito, sem transições. Tental-a, é arriscar-se a sérios inconvenientes. O estado do doente, de grave, poderá tornar-se desesperador. O *delirium tremens* sobrevem no alcoolata com a suspensão do alcool; todo o estado geral do morphinomano se engravece na ausencia subita da morphina...

Pois, na intoxicação pelo amor, pela morphina, pelo alcool, é indispensavel que, visando o tratamento, se faça gradativamente a suspensão da *causa morbi*.

Para os amantes serão as visitas cada vez mais espaçadas, durante um tempo variavel, até a prohibição formal, absoluta, de qualquer aproximação entre ambos.

Claro está que não será sem difficuldade que se hão de conseguir essas cousas.

Mas o medico não transigirá com os protestos do doente. A's suas exclamações de perseguido, lamentos, injurias, supplicas, razões de liberdade individual tolhida, ameaças de vingança e de denuncias á justiça, elle ha-de oppôr uma linha recta de conducta — precisão nas prescripções, bondade paternal, generosidade, calma de espirito, vontade firme. O medico será o conselheiro, o amigo e o confidente do seu enfermo. Sobretudo conselheiro, porque prevalecendo-se de todos os recursos inesgotaveis da sua sciencia e auctoridade moral, elle fará entrever a possibilidade da cura, da volta ao estado integral de saúde, com os seus attractivos, com a doce alegria do trabalho, com a serenidade amena que traz uma vida sabiamente regularisada.

E essas considerações, feitas quando nos procura um doente neurasthenisado, valem, de continuo, mais que todos os vidros de kola, quina e preparações phosphatadas habitualmente introduzidas no estomago dos enfraquecidos de systema nervoso.

Mas quando se deve internar ?

A meu ver, em dous casos :

Primeiro, quando o apaixonado vem, espontaneamente, procurar o medico, entregando-se a

elle, desejando sujeitar-se a todas as prescripções, implorando a cura, vivamente anciando pela perdida liberdade de seu espirito. Segundo, sob requerimento da familia, sempre que o amante, dominado pela mulher que torpemente lhe explora a affeição, houver praticado actos de perfeita insensatez, tentativas de suicidio ou homicidio, trazendo a vergonha e o opprobrio sobre si e os seus.

Em taes casos, o medico pôde e deve passar o requerimento de internação.

Não hesitaremos em assignal-o.

Muita gente verá nisso uma arbitrariedade e um escandalo. Porém, quando todos os outros meios falham, a necessidade dessa medida se impõe. Depois, o hospicio não é, como se julga no conceito acanhado de muitos, apenas uma prisão: é uma casa hygienica de saúde, cercada de todos os requisitos da sciencia moderna, onde se vai receber um tratamento medico, uma educação. Infelizmente, entrar para elle, entre nós, ainda parece uma degradação.

Mas, como não internar essa victima do amor, quando, em muitos casos, ella é uma ameaça constante para a sociedade, quando a sua paixão phrenetica está prestes a se descarregar contra a existencia de alguém.

Eis aqui um moço, espirito mal formado, conducta irreprehensivel, oriundo de familia distincta.

E' uma justa esperanza dos seus.

Entra na vida sexual, afeiçoando-se a uma réles prostituta, que primeira o possuiu.

Apaixona-se.

Ella, influindo poderosamente em seu animo dirige-o. Com elle satisfaz seus caprichos, dá pasto ás suas ambições.

Arruina-o todo.

O ciume já uma vez lhe armou o braço contra um rival. E' agora um rapaz de comportamento máo, perigoso, indolente, dado á bebida, que habita bordeis na peor convivencia.

E nada o affasta dessa mulher.

Nem as supplicas da mãe desesperada, nem as ameaças energicas do pae, nem o lamento e o choro das irmãs, nem os conselhos dos amigos, que, por fim, se arredaram d'elle.

Prevê-se um desfecho fatal para este estado de cousas.

A familia, consternada, temendo a deshonna e a ruina proximas, vem ao especialista para salvar seu filho, arrancando-o daquelle mar de vicios, tornando-o bom como elle era dantes; e pede o isolamento em um estabelecimento de saúde.

Que fazer então ?

Abandonal-o ? Não intervir ? Deixal-o, á mercê da doença, resvalar para o crime, para o aniquilamento completo da personalidade moral, indo amanhã habitar a cadeia, ou augmentar a triste galeria de retratos dos postos policiaes ?

Será dar força ao mal, respeitando-o, coonestando-o. E, si esse doente ainda tem uns restos de vontade que lhe dão um relativo desejo

de se curar; si depois de recobrada a saúde, as antigas energias, o alegre viver de outr'ora; si depois da razão recuperada e submerso aquelle sentimento insensato, é certo que elle virá beijar as mãos ao seu medico, exultando de reconhecimento pela volta ao estado normal de todo o seu ser: como não salvá-lo, internando-o?

Firme-se, de consciencia serena, o requerimento de internação.

Levado assim o doente ao estabelecimento sanitario, «começar-se-á por sabios conselhos. Far-se-á resaltar todos os defeitos e vicios do objecto amado, lembrando sua cupidez, suas infidelidades. Em uma palavra, despir-se-á o idolo, mostrando-o em sua fria nudez».

Estes conselhos fracassam de continuo, mas nem por isso deixarão de ser empregados.

Em seguida inicia-se a educação lenta da vontade e da attenção. Estas estão submersas no intoxicado, como que paralyzadas. Mas ha de ambas uma parcella nas obsessões conscientes.

E' esta parcella que vamos tomar, dirigindo para ella nossos esforços, acrescendo-a, dando-lhe energia, tonificando-a, desenvolvendo-a gradativamente.

Toda uma gymnastica psychica adequada põe-se então em execução.

A quasi totalidade da attenção está voltada para a bem amada.

Porém consegue-se desvial-a, temporariamente, durante a pratica de exercicios sabiamente repetidos e que a solicitam para a sua execução.

Taes são as distracções ou derivativos da attenção. Entre estes a esgrima, jogos varios, a leitura de romances apropriados, qualquer trabalho intellectual ou physico.

Junte-se a isto uma hygiene alimentar perfeita, o tratamento da insomnia, da debilidade, da syphilis, si existe, o uso diario de banhos frios, a prohibição de fumar, a obrigação de levantar cêdo, emfim uma regularisação completa de todos os actos. Evite-se a ociosidade.

Eis aqui um caso difficil, complicado de ciu-me, e que Fleury conseguiu admiravelmente debellar.

«Tive por doente, diz esse medico illustre, um escriptor, ainda mais attrahente por ser meio louco em sua vida ordinaria. Affeiçoou-se a uma mundana que lhe foi indulgente adorando-o seis mezes. Sem duvida ella o teria adorado mais tempo, si elle não arruinasse tudo com seu extremo ciume. Como a torturasse sem descanso com suspeitas e duvidas, ella pensou que outro teria talvez tanto encanto com menos ferocidade; poz-se em busca desse outro. Elle julgou ficar louco, quiz romper, experimentou uma viagem, voltou de meio caminho. Como uma mola enfraquecida pelo uso, sua vontade não podia mais querer. Elle o comprehendeu; e porque mais dolorosa se tornasse a sua loucura, entregou-se ás minhas mãos, conjurando-me que o salvasse, que lhe restituísse sua força d'alma por qualquer preço.

Depois de dez dias de hesitação, ao sahir de uma scena terrivel, rendeu-se á minha clemencia.



Eu o mandei recolher ao estabelecimento hydrotherapico d'Auteuil, então dirigido por meu amigo Beni-Barde. Casa aberta, onde se não interna; mas o meu doente assignou duplamente, em papel sellado, o compromisso de não a deixar sem minha auctorisação formal — compromisso illusorio sob o ponto de vista legal, mas sufficientemente impressionante para elle. Tive o cuidado de regular todas as horas da sua vida; multipliquei os tonicos. Obrigou-se a trabalhar duas horas por dia, porém prohibi-lhe escrever uma palavra só respeito á sua paixão, ou mesmo falar della, servindo apenas as palavras e os escriptos, as mais das vezes, para nos affirmar o nosso mal, para mais nos encher delle.

Quanto á mulher «foi vel-a de dois em dois dias na primeira semana; viu-a duas vezes na segunda; depois uma vez, quando quiz, pelas cinco horas, deante de muita gente e sem intimidade possivel. Afinal, sem prevenil-o, cortei francamente suas sahidias e o retive como em prisão, até á cura completa, até á morte do habito.

Os primeiros dias foram horrorosos! gritou, debateu-se, invectivou-me furiosamente, falou em ir procurar a policia e fazer encerrar-me tambem por attentado á liberdade individual; supplicou, chorou, tornou-se debil, representou todas as comedias, padeceu mil torturas. Mas dous bons enfermeiros o vigiavam de perto, e sua excitação se acalmou, com o tempo.

A idéia de não mais tornar a vel-a ainda lhe parecia impossivel; quiz enganar, dar-se por

curado e recomeçar melhor ainda. Fui feroz, intimamente persuadido de que um suicidio era o fim da aventura si a minha firmeza se dobrasse. Ao cabo de cinco semanas, voltou-lhe a calma: de novo poz-se a trabalhar. Suas forças renasciam, seu appetite tomava proporções animadoras; dormia bem, sem pesadelos.

D'ahi em diante, permitti-lhe algumas distrações. Um amigo commum o levou a jantar entre moças. Emocionou-se a principio, habituou-se em seguida, e, contrariamente aos preceitos da antiga moral, a festa salvou-lhe a alma.

Ao fim de dous mezes, entrava na vida corrente, completamente curado, nada mais «mulieromano», cheio de vigor moral e de talento, porque o seu romance de então é o melhor que elle ha escripto.

Não commetteu mais loucuras amorosas... sinão tres annos mais tarde com uma actriz». (1)

Um excellente derivativo forte são as viagens. Viajar é receber sensações diversas, que a cada momento nos assaltam, occupando a attenção, enriquecendo o espirito de factos novos. Demais, uma longa distancia é sufficiente para impedir qualquer recahida, e nada melhor que a viagem por logares desconhecidos e animados, de muita actividade, muito trabalho, para evitar a solidão — tão perniciosa aos apaixonados.

De facto, as cousas tristes e silenciosas, a paz bucolica dos campos, á hora do crepusculo

---

(1) Fleury — obra citada — pg. 384.

enternecedor, põem n'alma notas de melancolia, de uma saudade vaga evocativa do amor.

Parece que anda esparso pelo ar fino e immovel da tarde, nessas plagas campezinhas, á hora do sol poente, um extranho fluido que nos sensibilisa, tornando-nos contemplativos, frageis.

E' um momento de receptibilidade morbida que os amantes abrazados pelo desespero devem evitar.

Um processo que muitas vezes poderá ser empregado no tratamento da intoxicação pelo amor, é a hetero-sugestão therapeutica.

Os nevropathas, em forte proporção, são mais ou menos suggestionaveis.

Dado um doente ao qual se fez ver a possibilidade de trazel-o ao estado de saúde, por um processo inoffensivo, póde-se e deve-se tentar a suggestão.

O medico, approximando-se do enfermo, ordena-lhe que durma; si preciso, pratica a oclusão das palpebras, serve-se da descripção dos symptomas primeiros que caracterizam o somno: palpebras pesadas, uma sorte de entorpecimento do espirito e do corpo, respiração regularisada, etc.

Obtem-se assim, em seguida a uma ou mais tentativas, um estado variavel de somno provocado ou hypnose.

Nestas condições está o enfermo, consoante seu gráo particular de suggestibilidade, apto a receber, mais ou menos facilmente, as idéas que o operador lhe apresentar. E como as idéas tendem a se transformar em actos, razão por que,

ha pouco, a idéa de somno trouxe o somno, veremos operar-se a modificação desejada e completa nos actos do suggestionado. Este, d'ora em diante, terá sua vontade substituida pela do medico, que lhe irá impôr a norma de conducta, conquistando-lhe o cerebro, governando-lhe o *psychismo inferior*, donde expellirá a imagem da amante.

O hypnologo representa-lhe a amada em sua inteira nudez, com todos seus defeitos e infidelidades. Apaga todas as lembranças do idolo, ordena-lhe o abandono da mulher.

Compulsados os auctores modernos de psychologia, lá se encontrarão, a rodo, observações de hypnologia tendentes a demonstrar a exequibilidade do processo que propomos.

Demais, em materia de amor, não são de hoje as experiencias feitas nesse sentido.

Eis aqui, por exemplo, o que Berillou e Laurent observaram :

«Vimos uma nevropatha que, em seguida a uma infidelidade do marido, foi torturada por um ciume verdadeiramente morbido. Era uma perfeita obsessão, atormentando-a noite e dia e não lhe permettindo nenhum repouso. Nós lhe restituimos a calma de espirito pela suggestão». (1)

E si considerarmos que quasi todos os individuos suggestionaveis são degenerados hereditarios, nevrosados, deve, d'entre todos os tratamentos, dominar, na generalidade dos casos, esse processo psychotherapico.

---

(1) Laurent — obra citada — pag. 321.

Com elle se reconstitue uma vontade enfraquecida.

«Os individuos nos quaes a vontade é desfallecente, observa Levy, os neurasthenicos, por exemplo, têm a concepção muito nitida do que devem fazer. Mas sentem em si alguma cousa que os retém; têm a sensação de um obstaculo invencivel interposto á idéa e á sua execução, obstaculo do qual elles mesmos se admiram. O acto mais insignificante, uma carta que escrever, uma visita que fazer, uma ordem que dar, torna-se lhes um trabalho; vinte vezes o tentam, e constantemente, para chegarem ao mesmo insuccesso. Que faz a suggestão? Augmenta, nós o vimos, o poder ideo-reflexo, isto é, o poder da transformação da idéa em acto. O individuo suggestionado readquire, pouco a pouco, a possibilidade de fazer de suas idéas — actos: a suggestão lhe reensina a querer.

Associamo-nos, pois, plenamente, ás conclusões formuladas por Valentim: Que melhor meio que a psychotherapia para medir e accrescer progressivamente a parte da responsabilidade do doente, para forçal-o a occupar-se e a querer? A' medida que diminuem a desaggregação e a depressão mentaes, vê-se crescer o poder de confronto, augmentar a actividade psycho-sensorial e psychomotora, reeguer-se o equilibrio funccional dos órgãos. Emfim, os factos obrigam a concluir que a suggestão constitue o meio mais seguro e mais racional de fortificar as reacções psychicas dos doentes, de lhes dar, por este modo, tudo o

que a sua constituição comporta de attenção, de juizo e de vontade. (1)

A saciedade é um outro meio que conduz, muita vez, ao desaparecimento do amor-morbido.

Por elle, que é a posse completa, permanente, sem embaraços, da pessoa amada, sua presença constante, anceiam todos os apaixonados. Também a obtenção de tal meio ser-lhes-á generosamente facilitada, sempre que as circumstancias o permittirem. Infelizmente, raras vezes se póde applical-o, matando assim a violencia dos sentimentos.

Emfim, o ciume, complicação frequente, é passivel dos mesmos tratamentos da paixão.

Si sua causa reside em perturbações da nutrição, productoras de irritação cerebral, ou na fraqueza geral, seguida de anemia, deve-se appellar para a hygiene alimentar, ou para os tonicos do systema nervoso, maximé no ciume de forma intermittente.

«Ainda bem ! para tranquilisar esse ciumento, para lhe acalmar a angustia, muito pouca cousa é precisa : dai-lhe de comer, ou então, fazei-o tomar — tenho repetido dez vezes a experiencia — um tonico qualquer, uma perola de cafeina ; em seguida, estará menos louco». (2) Assim se expressa Fleury, relativamente á penultima observação do capitulo anterior.

Pára os concomitantes somaticos do amor doente, o tratamento será induzido, facilmente, das alterações peculiares a cada caso em particular.

---

(1) Levy — L'éducation rationelle de la volonté; son emploi therapeutique — pag. 105.

(2) M. Fleury — obra citada — png. 370.

## II

O que até agora foi escripto tem já deixado entrever varias terminações para o amor pathologico. Por isso, temendo voltar sobre os mesmos passos, seremos breve.

Conhecemos tres terminações, que são, por ordem de frequencia: a volta ao estado de saude, a morte e a alienação mental.

A primeira é de todas a mais commum, principalmente quando o individuo sujeitou-se a um tratamento racional. Em todo caso, a cura não o resguarda de reincidencias, não conferindo immunidades esta intoxicação, ou conferindo, quando muito, desillusões e experiencia, o que já não é pouco, attenta a forte predisposição para o mal.

Como se chega ao estado normal, viu-se, quando foi do tratamento.

A morte é menos frequente.

Comtudo, morrer de amor (tome-se a serio a expressão) é o fim de muito apaixonado. Não porque a morte seja o producto directo da obsessão, mas porque é a consequencia de graves alterações organicas concomitantes.

O amante passional, attingindo a um estado de fraqueza generalisada, oriunda da vida bohe-

mia que arrastava, é levado ao depauperamento de todas as funcções vitaes, perdendo assim seus órgãos a faculdade de resistir aos ataques do meio ambiente.

Bacillos de Koch, pairando em quasi todas as atmospheras viciadas, vão pullular nos seus pulmões indefesos, colonisando-os.

Leva-o quasi sempre á tuberculose.

A syphilis collabora, frequentemente, na ruina de todo o seu ser.

O alcoolismo entra, não raro, com o seu contingente de devastação do corpo e do espirito.

E assim terminam para o infeliz amante, tragicamente, no leito da morte, a sua vida desregrada e os seus amores loucos.

O suicidio a sós, ou combinado e simultaneo, é tambem o epilogo de muitas paixões. Estas desaparecem, continuamente, com o assassinato de um dos amantes, determinado, nove vezes sobre dez, pela manifestação do ciume.

Citar casos tendentes a demonstrar estas terminações, julgo desnecessario, de tal modo se apresentam ubiquitarias. Dellas estão cheios os romances, os annaes da sciencia juridica e a segunda pagina dos jornaes.

Esta capital foi, ha tempos, impressionada pelo fim tragico de dous amantes que, mutuamente, lançando mão da strichnina, se desprenderam da vida, onde os preconceitos sociaes não lhes permittiam a franca expansão necessaria áquelle amor sem limites.



Criára-se para elles uma triste situação premente, a que o suicidio de ambos veio pôr termo. (1)

Uma moça, contrariada em sua affeição amorosa, escreve ao bem-amado: «Estou resolvida a matar-me, para não renunciar a ti: dá-me tu tambem esta prova de amor». E, havendo accendido uma vasta fogueira, morreram nos braços um do outro. (2)

No capitulo da pathogenia, onde se traçou a curva nervosa do intoxicado pelo amor, deu-se uma idéia do mechanismo destas terminações.

Viu-se lá como as emoções recebidas pelo doente levavam sua tensão nervosa a um gráo maximo de altura, á zona da excitação homicida, onde só o facto de destruir poderia descarregar convenientemente aquelle accumulo de energia.

A obsessão amorosa termina pela alienação mental. E isto porque o apaixonado de amor é um psychopatha, de systema nervoso desequilibrado, portanto um ser que com a maior facilidade pôde entrar em francas manifestações de alienado.

Da paixão á loucura vai-se insensivelmente.

A intoxicação pelo amor, sabe-se, não tem sempre as mesmas manifestações. Sua symptomatologia é variavel em extremo; e em cada caso reveste um character particular pessoal, consoante o gráo de desequilibrio mental de cada um.

---

(1) O evoluir e desfecho desta paixão determinou o apparecimento de um livro — Strychnina — de M. Totta, Azurenha e Souza Lobo.

(2) Lombroso — L'homme criminel — pag. 201.

D'ahi a nenhuma admiração porque muitos amores vão acabar no hospício.

E esta terminação é real, de observação frequente, á parte a de todos os poetas, que não ha nenhum que se não tenha declarado *louco de amor*.

Com tudo, para alguns auctores, Falret, Magnan, Legrain e outros, as obsessões não conduzem á demencia. Querem elles que ellas não se modifiquem, não evoluam, conservando-se sempre identicas a si mesmas, sem jamais attingirem a um estado de delirio propriamente dicto.

«Entretanto esta opinião tem contradictores, accordes em sustentar que a obsessão tem certas relações com a loucura e que póde terminar por alguma psychose, principalmente pela melancolia ou pela paranoia. Deste numero são: Meynert, Schafer, Wille, Emminghaus, Kraepelin, Friedmann, Wernicke, Tuczeck, Morselli, J. Mickle, que se levantam fortemente contra o erro dos que julgam as obsessões permanecendo como taes sem nenhuma relação com a loucura, e sustentam que os obsidiados tendem a cair e caem, muitas vezes, numa fórma de delirio paranoico». (1)

E ainda na mesma ordem de idéias, Pitres et Régis assim concluem o exame que fizeram em quatrocentos obsidiados:

«Este balanço nos parece bastante significativo e d'elle se póde concluir, pensamos, que em certos casos a obsessão verdadeira póde passar á alienação mental». (2)

(1) Pitres et Régis — Les obsessions et les impulsions pag. 240.

(2) Pitres et Régis — obra citada — pag. 243.

Para comprehender esta terminação do amor-morbido, basta saber que o apaixonado tanto pôde ser um neurasthenico, como um alcoolata ou um hysterico.

Max-Simon diz :

«Emfim, o amor contrariado, as decepções da affeição devem ser assignaladas como conduzindo á alienação mental um certo numero de individuos». (1) E mais adiante, depois de se mostrar menos affirmativo em relação ás paixões expansivas cuja acção não lhe parece affectar tão profundamente a saude geral e o systema nervoso, affirma : «Farei, comtudo, uma excepção para a paixão do amor, levada, como se vê, ás vezes, a seu extremo limite». (2)

Demais, nem faltam observações para tirar qualquer duvida a respeito de tal terminação.

Eis aqui uma :

O conde de Munster, representante de importante casa commercial da Allemanha, residia, ha alguns annos, em S. Paulo.

«Mas por volta de 1906, quando dispunha já de um largo circulo de relações, apaixonou-se seriamente por uma moça sua patricia, filha de respeitavel negociante da praça.

A moça não se sentia inclinada para essa figura de homem. Outro era o escolhido de seu coração. Disse-o a Munster com toda a lealdade e por mais de uma vez.

---

(1) Max-Simon — Maladies de l'Esprit — pag. 245.

(2) Max-Simon — Maladies de l'Esprit — pag. 250.

Mas para elle as allegações da moça não passavam de um capricho. Insistiria. E em verdade, insistiu firmemente, allucinadamente, impondo-lhe o seu amor em cartas penetradas de uma exaltação doentia, seguindo-a, sob o impero de um profundo encanto, na rua, nos theatros, nas reuniões, em toda parte. E quando um dia a soube casada, esse pobre atormentado cahiu de um sonho muito alto, parecendo, emtanto, que a quéda lhe déra novos haustos para proseguir nos seus propositos.

Voltára a escrever-lhe. Dizia-lhe que o marido lhe não podia dar felicidade. Elle sim, elle podia dar-lh'a, porque a amava, porque a adorava. Queria ella fugir? Si quizesse, estava prompto a mudar-lhe o aspecto de sua vida, a tornar o inferno em que devia viver, em uma existencia risonha e feliz.

Depois, como as cartas não tinham resposta ia para a frente da casa da senhora de que se trata, e ali ficava, horas e horas, com os olhos fitos nas janellas.

As perseguições do conde Munster tornaram-se uma tortura para a pobre senhora, a tal ponto que a policia foi obrigada a intervir, juntamente com o consul allemão.

Munster foi logo detido e em seguida enviado para o seu paiz. Mas não passou muito tempo que elle não regressasse a S. Paulo e puzesse de novo em evidencia o caso pathologico que o empolgava.

De maneira que se tornou necessario internal-o em Jaquery. Ali deu effectivamente entrada. Mas por pouco tempo.

Um dia, illudindo a vigilancia dos guardas, fugiu e foi direito á casa da senhora por quem se apaixonára.

Estava mais exaltado que nunca. Si as pessoas da casa lhe faziam ver a impossibilidade de realisar os seus desejos, si lhe demonstravam os disparates das suas pretensões, enraivecia-se, desesperava-se, affirmava em accessos de gritos que ella não estava tal casada, ou, si estava, fôra arrastada a isso por influencias diabolicas.

Novamente internado no hospicio, desta vez tornou-se um doente perigoso.

Fallava nella a todo momento.

Fazia dialogos em que por vezes havia uma sombra de ternura, Cantava e chorava.

Vinha por fim o accesso, e o conde de Munster, como um valentão profissional, enchia a cara dos guardas de murros e bofetadas, quebrava louça, partia vidros, punha desordem em toda parte.

Isolado desde logo, veiu-lhe a idéa do suicidio». (1)

\*  
\* \*

O prognostico é, na paixão amorosa, cercadô de difficuldades.

Aqui, com effeito, como por todo o vasto campo da medicina, nada mais serio e grave, de-

---

(1) Do jornal «Correio do Povo» de 23 de Abril ultimo.

mandando observação reflectida, do que precisar o estado final a que chegará qualquer doente.

E' uma prophesia ou um problema para cuja resolução arriscada é mistér que se julguem todas as hypotheses, esmiuçando as menores particularidades, inquirindo da historia progressa, investigando sabiamente a natureza do terreno pathologico, perquirindo e pesando provaveis condições futuras de meio.

Tambem o clinico, embora de vistas assaz penetrativas, ao escandir os caracteres individuaes, frequentemente, lhe não descobre a solução, taxando-o de — *reservado*.

De um modo geral, as paixões são tanto mais graves quanto mais degenerado é o terreno em que se desenvolvem, e tanto menos graves quanto menor fôr o desequilibrio dos psychismos.

Ainda em geral, as que têm um começo lento, insidioso, são mais serias do que as que se iniciam bruscamente.

Sempre que as causas predisponentes, a hereditariedade em primeiro lugar, predominarem sobre a causa determinante, mais sombrio será o prognostico.

A obsessão amorosa póde passar á chronicidade, persistindo longo tempo nesse estado, até o seu desaparecimento por uma das tres terminações já annunciadas acima.

Crescem as conjecturas de benignidade no prognostico *quo ad vitam*.

## CAPITULO V

### **Prophylaxia**

Para a prophylaxia da paixão amorosa deve-se dirigir o melhor dos nossos esforços, porque, como affirma velho proverbio, mais vale prevenir que curar.

E essa prophylaxia ha-de repousar sobre os meios de evitar as causas predisponentes adquiridas; apoiar-se na hygiene do alcoolismo, tuberculose, religião, menopausa, idade critica do homem, literatura, educação domestica, etc.; esteiar-se na lucta contra as causas hereditarias pela educação physica, moral e intellectual do individuo desde o nascimento até a completa idade adulta; baseiar-se no ensino racional e pratico da vontade, procurando-se imprimir no character modificações que lhe dêem relativa superioridade sobre as paixões.

Claro está que estas medidas não terão o cunho da infallibilidade; mas serão proveitosas, estamos convencidos, quando criteriosamente applicadas, desde muito cedo, a esses seres, incontestavelmente victimas do meio.

Pois si é verdade que o meio por si só, ou concomitantemente, faz victimas, não é menos cer-

to tambem que elle pôde collaborar para a perfeição do homem.

O meio é o grande factor da differenciação dos seres. E a sua influencia tanto pôde ser malefica como benefica.

Quanto á vontade, dir-nos-ão talvez que ella, como parte constitutiva do character, não poderá ser educada, soffrer modificações.

Com effeito, assim é na opinião de muitos, de Kant, Schopenhauer e outros que crêm o character immutavel, innato. Cada individuo novo que surge para o mundo, ha-de recapitular em corpo e espirito seus antepassados hereditarios.

Sabida verdade é que o character não deriva todo, integralmente, de fonte atavica. Desta lhe vem comtudo a sua maior feição.

Ninguem poderá escapar inteiramente ás acções herdadas, pôr-se fóra do alcance das fortes aptidões philogeneticas que lhe tiverem sido transmittidas; mas tanto conseguirá collocar-se em condições favoraveis á conservacão das boas qualidades innatas, como poderá contrariar as más inclinações, até certo ponto.

Demais, o character é uma resultante de forças sempre em via de transformacão.

A hereditariedade tende sempre a conservar-o, a transmittil-o ao descendente tal qual era no progenitor; por outro lado o meio, forçando-o á adaptacão, exerce suas influencias, alterando-o, modificando-lhe a feição, obrigando-o á reforma.

Do conflicto dessas duas forças, uma conservadora, outra reformadora, surge o character, que



é o modo de reagir do individuo ante as acções ambientes.

E para provas maiores e completas desta maleabilidade do espirito, consultem-se todos os livros que por ahi andam de educação da vontade: Payot — L'éducation de la volonté — obra de grande alcance pratico, já em 28.<sup>a</sup> edição e que deveria ser o *livro de cabeceira* do estudante; Levy — L'éducation rationelle de la volonté, son emploi thérapeutique; Malapert — Le caractère; Guyau — Education et hérédité; Feuchsterleben — Hygiene da alma.

A ethologia estuda os factores constitutivos do character na ontogenese e na philogenese: a hereditariedade representa o primeiro desses factores, o maior talvez; as acções do meio ambiente constituem o segundo.

Levy, em sua—Psychologie du caractère, pg. 42, diz: «A principio, como os «estratos geologicos» do espirito, ha o fundo original, primitivo, natural, que cada homem traz vindo ao mundo, constituido pela coincidencia das transmissões hereditarias de todos os grãos com as constituições physica e mental proprias ao ser nascente. E' o *character innato*, elemento essencial do character, mas que não o constitue inteiramente.

— A esta primeira camada profunda veem-se superpor os «estratos» numerosos de um *character adquirido*, que se fórma no curso da vida individual, sob a acção de influencias naturaes ou sociaes, physicas ou moraes que cada homem sofre, é tambem pela reacção da intelligencia e da

vontade contra o elemento innato e contra as solicitações externas, por essa educação de si mesmo á qual todo homem, ainda que em grãos diversos e com desigual exito, se submete consciente e inconscientemente».

Removida essa theoria desanimadora da inalterabilidade do character, immutavel, intangivel e contra o qual seria vão e inanido todo esforço humano que visasse modificá-lo no decurso de uma existencia individual, levanta-se, embaraçando-nos a acção, annullando nossas tentativas de educação da vontade, a velha theoria do livre-arbitrio. Esta sustenta a inteira, absoluta liberdade volitiva do homem. Para ella, a vontade não tem causas, é livre: ninguém é determinado a querer isto ou aquillo, nem levado á pratica deste ou daquelle acto, sinão porque assim o quiz, espontaneamente, a vontade soberana e autonoma.

Ora, não se coaduna absolutamente com a observação e a experiencia, contrariando *in limine* as leis psycho-physiologia, investindo contra as rigorosas conclusões scientificas, essa estranha theoria da vontade livre. Tambem os argumentos numerosos que de toda parte se levantam contra ella, as incursões continuadas e cada vez mais frequentes e ferteis em resultados, que a sciencia medica tem feito nos dominios da criminologia, o parallelo desenvolvimento consequente do determinismo, lento, mas seguro, todo levantado sobre alicerces de sciencia a lhe garantirem estabílidades, têm annullado por completo a singular concepção do livre-arbitrio.

Dispensamo-nos, pois, de refutal-a.

\* \* \*

A principio, todas as causas predisponentes da intoxicação amorosa, adquiridas pelo individuo, podem ser afastadas com a suppressão do inconveniente formalismo religioso, com a prohibição da literatura de ficção, doentia e contagiosa, com a selecção de meios adequados á idade critica do homem e da mulher.

Em evital-as resume-se uma bôa parte da prophylaxia do amor-morbido.

Quanto ás causas hereditarias, a questão da prophylaxia levanta dous problemas. O primeiro, amplamente fecundo em resultados, conducente a um ideal difficil de attingir, é o da hygiene do casamento, que impede a reproducção dos degenerados; o segundo é o da educação do individuo, que elimina as tendencias hereditarias ou visa contrarial-as.

Examinemos cada um.

E' de estranhar que o homem civilisado, desbaratando por toda partes grandes esforços pacientemente repetidos por longos annos durante gerações successivas, para melhorar as raças de animaes que lhe são inferiores, cruzando, seleccionando, creando leis protectoras do desenvolvimento das raças. haja descurado tão lamentavelmente o aperfeiçoamento de si mesmo, da raça humana.

E mais avultam a importancia e a necessidade dessa selecção na reproducção do homem,

quando se acredita, com o grande tratadista Trelat, que na etiologia das doenças do systema nervoso, a hereditariedade é «a causa das causas» ou com Paul Raymond, que ella é «a pedra angular do edificio», ou com Duclaux, que ella constitue «a grande força que o governa o mundo».

Então, mais se impõe o exame medico dos candidatos ao casamento, que será interdicto, si possível, ou pelos menos desaconselhado, contrariado, sempre que os perigos ou inconvenientes certos de tal herança o exigirem, maximé da herança convergente bilateral.

«Em lugar de vos limitardes, diz Trelat, citado por Grasset, a contar moedas, examinai com cuidado a constituição, a saúde, a intelligencia, o valor moral da familia com a qual vos propondes contrahir alliança. Que fareis desse dote, que é apenas materia, si com essa materia recebeis ao vosso lado e comvosco um espirito desordenado e insocial, destruidor, que desarranja vossa existencia, faz da associação um combate, torna impossivel o affecto da familia? Para que o casamento seja possível, para que seja prospero, não mistureis a doença com a saúde; procurai, antes de tudo, não uma casa rica ou titulada, mas uma raça pura, uma bôa saúde physica e um bôa saúde moral.

Os loucos lucidos se encontram nas familias viciadas, d'onde melhor saberemos afastar-nos quando virmos mais claro, quando houvermos escapado á idéa fixa que domina ainda todo intento de casamento, quando comprehendermos que o dinheiro,

muito dinheiro, sem qualidades pessoas, sem razão, é a peor de todas as pobrezaas. Aguardando e sem que se tenha necessidade de mais luzes que as luzes actuaes, pediremos ao legislador que interdiga formal e seguramente o casamento aos incapazes. A' frente destes collocamos os imbecis e os epilepticos, que devem viver sob tutela... E' uma falta dar aos fracos direitos que elles não sabem exercer, deveres de que se não podem desobrigar...; o mesmo methodo, o mesmo tratamento, a mesma liberdade para todos, para os doentes como para os validos, é uma injustiça. E' preciso para o bem commum que a sociedade se proteja e seja protegida. A liberdade dos incapazes é um perigo para todos, póde ser uma liberdade homicida... A tyrannia é a oppressão dos fortes, é a oppressão dos que são validos.»

Mas, na pratica, embaraços e difficuldades de todos os generos nos assaltam quando, pretendendo tornar uma realidade esses melhoramentos de ordem tão alevantada, tão geral e tão almejada, pensamos nos meios de evitar este ou aquelle enlace matrimonial cuja realisação vem prenhe de prophecias negras.

De um lado, são os protestos do povo menos esclarecido, escandalisado com esse ataque directo á liberdade individual, á liberdade de escolher a mulher; de outro, é a tyrannia dos preceitos de ética iatrica, amordaçando injustamente o medico, amarrando-o ao poste do segredo profissional. Sim, porque o medico vive mettido neste dilemma absurdo: manter sempre á viva força

o sigillo profissional, e jamais concorrer para a corrupção dos costumes, nem favorecer o crime.

Si não se abrir mão do segredo profissional, que em nossa opinião deve ser relativo, então nada se conseguirá em materia de hygiene do casamento, porquanto o clinico, impedindo este ou aquelle consorcio, deve dar as razões por que o faz. Demais, estas razões não se farão publicas, nem precisarão de chegar a ouvidos profanos, si acceitarmos o processo racional e pratico para tal fim proposto por Grasset.

Entende esse illustre psychologo da escola de Montpellier que o legislador não póde intervir nessas questões, e aconselha que as duas familias promovam uma conferencia entre os dous medicos representantes de ambas, pondo de parte, um e outro, qualquer segredo, afim de obterem delles, com relação ao casamento, uma sentença, que poderá ser prohibitiva, empenhando-se depois em executal-a, sem exigir motivos nem razões.

O Dr. Mignon de Romoratin, criticando essa sentença, acha que ella deve ter apenas o character de um conselho e acrescenta : «no dia em que só se fizer casamento por amor, a natureza sancionará o verdadeiro amor, o amor puro exigirá que os jovens venham por si mesmos pedir conselho a seu medico em tão grave occurrencia, e esses conselhos serão seguidos, ou o homem é um bruto que se deve abandonar».

Embora submettida ao juizo de medicos, a questão do casamento permanece difficil e deli-

cada, podendo ter mais de uma solução e soluções oppostas, porque nunca poderá haver um criterio determinado, invariavel e fixo, para resolvel-a. Ha de frequentemente divergir a opinião dos clinicos na apreciação de cada caso particular, porque o estado pathologico que se procura evitar nem sempre constituirá uma doença univoca.

Em todo caso, um grande passo se terá dado para o progresso da raça consultando e respeitando a opinião de um facultativo competente sobre o problema da união conjugal. Assim, necessariamente, dentro de poucas gerações ver-se-á diminuido o numero excessivo das doenças do systema nervoso, ter-se-á obtido a tão util quão proveitosa hygiene mental e, do mesmo passo, a não menos benefica prophylaxia do amor.

Grasset, investigando as condições que devem dictar a interdição do casamento, não desce a particularidades, não vai ao ponto de esmiuçal-as. Fala em geral e assim as resume: «a presença de certos symptomas, como a impotencia, a intensidade da molestia, sua antiguidade, os tratamentos aos quaes tem resistido, suas raizes hereditarias, a saúde e a hereditariedade do outro conjugue...» (1) E' que realmente não se póde ser casuistico, formulando regras, especializando ou prevendo todas as circumstancias que surgem na pratica. Contentemo-nos portanto com as indicações geraes apresentadas pelo auctor supra-citado.

---

(1) Grasset—Demifous et Demiresponsables—pag. 211

Supponhamos agora que o casamento, com assistencia medica ou sem ella, se haja realisado. Os dois conjuges são portadores de fortes manifestações de desequilibrio nervoso, e o novo ser que d'elle proveio ainda não é um doente, mas está quasi fatalmente condemnado a entrar para os dominios da pathologia, não só pela sua pesada carga hereditaria, como pela convivencia perigosa dos paes, que irão educal-o viciosamente, despertando assim os caracteres de morbidez do fragil terreno que criaram.

Por esta segunda razão deve-se evitar o mais possivel a permanencia da creança com os paes, ou pelo menos impedir que ella receba a educação directamente de seus genitores. Estes, em semelhante occurrencia, são pessimos educadores, e o filho com elles em contacto diario está, eminentemente exposto ao contagio e adquirir as mesmas perturbações, embora a transmissão hereditaria haja falhado no caso. E é a tal ponto importante esta acção do contagio na genese das molestias mentaes, que, ultimamente, alguns auctores têm visto nella uma acção preponderante. Uma educação defeituosa, diz Toulouse, entra em muito no apparecimento das perturbações mentaes ditas hereditarias; uma educação bem apropriada póde oppôr-se ao desenvolvimento dellas. Como quer que seja, pareceu-nos util mostrar que na etiologia das perturbações mentaes a hereditariiedade tinha sido apresentada muito exclusivamente como o factor principal e quasi unico, quando na complexidade dos factos cumpriria dar uma



parte, preponderante em muitos casos, á educação.» (1)

Assim o ensino da criança predisposta ás psychopathias deve ser feito sob indicações do medico, que a submeterá desde os primeiros tempos da vida, em seguida ao nascimento, a uma adequada educação physica, moral e intellectual.

Sob o ponto de vista physico, desde a mais tenra idade, ha-de a criança cercar-se das boas regras de regimen infantil, consoante os principios de pediatria, applicados ao aleitamento. Será particularmente cuidada no periodo de dentição ou quando accommettida de vermes intestinaes, convulsões, etc. Dos sete aos treze annos, época do apparecimento da choréa, da incontinencia de urinas, dos tics, e dos treze aos dezoito, tempo da puberdade, em que se inicia a menstruação na mulher e desperta nos dous sexos o instincto sexual com suas perversões frequentes, maior se deve tornar a vigilancia dos educandos que começarão a praticar exercicios physicos e de gymnastica. Mas é necessario que esses exercicios sejam regulares e moderados e essa gymnastica racional, evitando os excesses ou esfalamentos, que, bem longe de exercerem a desejada acção tonica sobre o organismo, enfraquecem-no, abatem-no, encaminhando-o para o esgotamento, contribuindo para o apparecimento das doenças do systema nervoso.

---

(1) Hérédité et éducation dans la genèse des maladies mentales—par les Drs. Toulouse et Damaze. Revue de Psychiatrie—junho, 1905.

E' indispensavel que a vida se passe o mais possivel ao ar livre, tanto de dia como á noite; que se prohiba o alcool e o cigarro; que o habito de levantar cedo seja obrigatorio, não se permitindo ao pubere permanecer no leito preguiçosamente depois de accordado, porque, como diz Payot, o estudante que isso faz é invencivelmente levado ás praticas solitarias. «Dize-me a que horas te levantas, e dir-te-ei si és vicioso». (1) E' necessario que o regimen alimentar não seja demasiado abundante, servindo a muita comida apenas para augmentar o trabalho da digestão e a quantidade das fezes, porque a mucosa do intestino absorve mais de accôrdo com as necessidades do organismo do que com o volume dos alimentos.

A alimentação do predisposto ás obsessões deve ser, na opinião de Jannet, a do futuro arthritico, predominando nella os vegetaes, com redução da carne. As praticas de hydrotherapia são de utilidade.

Sob o ponto de vista moral, é preciso prégar o amor á verdade, a confiança em si mesmo, a coragem; combater todas as tendencias ao egoismo e á mentira. Na profissão que se ha de escolher para o futuro obsidiado, o que é indispensavel, porque antes de tudo devemos evitar a preguiça e a ociosidade, factores deploraveis da ruminação mental, deve-se ter em vista o alcance do trabalho material. E' necessaria qualquer

---

(1) Payot. — Education de la volonté — pg. 141.

occupação que seja sobretudo util para o desenvolvimento physico e moral; é necessario habitar esse predisposto — aos officios manuaes, a trabalhar a madeira, o papel, construir objectos, cultivar as plantas, arrotear os campos, a «agir sobre a realidade». E entre todas as profissões prefira-se, na maioria dos casos, a agrigola.

Quanto á educação intellectual, é preciso, desde a escola primaria, evitar as horas longas de ensino, ter sempre em vista o gráo de receptibilidade intellectual da criança e sua idade, para evitar o esfalfamento, combater o estudo de memoria, infelizmente muito generalisado, promover o desenvolvimento da intelligencia e do raciocinio são, contrariar a inclinação manifesta do espirito para se desenvolver mais em extensão que em profundidade, do espirito dispersivo, que se occupa superficialmente com todas as cousas sem nenhum proveito e com inconvenientes. E' preciso encaminhar as cogitações do predisposto para o terreno physico, para o dominio da realidade material, cortando as observações puramente subjectivas e a pronunciada tendencia á introspecção.

Depois, tornado adulto, e educado sob principios prophylacticos, não poderá ainda o futuro amante apaixonado levar impunemente a vida de muitos homens.

Fará bem em abster-se das apaixonadas questões politicas; em bôa hora resignará as desmedidas ambições de celebridade e gloria prematuras.

E não lhe será preciso renunciar á mulher, fugir della, mas encaral-a como ella realmente é: um ser<sup>m</sup> igual a nós ou inferior a nós.

Emfim, toda a vida do predisposto deverá correr debaixo dos preceitos da hygiene do corpo e da hygiene da alma, e sua educação se resumirá numa orthopedia physica e moral.

---

Abaixo reproduzimos algumas criticas desta these.

Da «Revista de Direito Civil, Commercial e Criminal», publicada no Rio de Janeiro e dirigida pelo Dr. A. Bento de Faria :

«Em elegante brochura com 144 paginas, cuidadosamente impressas, o dr. Pires Porto estuda, á luz da medicina, o amor morbido, como molestia do espirito.

Não podia ser mais interessante o assumpto que escolheu para a sua these, sustentada perante a Faculdade de Medicina de Porto Alegre e approvada com distincção.

Themas como esse nunca envelhecem, porque, como bem o affirma o auctor nas primeiras linhas da sua mag-nifica dissertação, são questões sempre palpitantes, sempre originaes, sempre da actualidade.

Assimilando admiravelmente o que de melhor se tem escripto a respeito, o illustre medico proporciona-nos instructiva e deliciosa leitura, revelando-se perfeito conhecedor da materia.

Em cinco substanciosos capitulos são estudadas, com elevado criterio scientifico: a existencia do mal e sua natureza; a sua etiologia e pathogenia; a symptomatologia e os grãos de intoxicação; o tratamento e terminações do estado doentio; a prophylaxia do mal.

A fôrma da exposição, o methodo, o estylo, a correcção dos conceitos e dos conselhos, a justeza nas conclusões e apreciações — são titulos que recommendam esse trabalho, digno e merecedor da nota que, sem favor, lhe foi dispensada.»

---

Da «Gazeta do Commercio», de P. Alegre :

«DR. PIRES PORTO — Brevemente embarcará para Lavras, onde vai clinicar, o dr. Leopoldo Pires Porto, diplomado este anno pela Faculdade de Medicina d'esta capital.

O dr. Pires Porto, que sempre se destacou em a Faculdade de Medicina, com a defesa da these — Intoxicação pelo amor — deu prova sobeja de seu grande talento, que surge magestoso na irradiação de uma surpreendente e magica alvorada oriental.

A banca examinadora, reconhecendo o brilhantismo de sua these, approvou-o com distincção e cobrio-o de justos encomios.

A *Intoxicação pelo amor* é um trabalho brilhantissimo. O dr. Pires Porto desenvolve o assumpto com firmeza, revelando o seu extenso conhecimento da sciencia e da litteratura.

O dr. Olinto de Oliveira, cujo profundo saber é bastante conhecido, dispensando, pois, phrases encomiasticas, disse que o dr. Pires Porto estava compromettido com a litteratura nacional e que embora o joven diplomado sempre se destacasse entre os seus alumnos, só agora, com a defesa elevada de sua these, reconhecia a grandeza de seu magnifico talento.

Apresentamos ao dr. Pires Porto as nossas sinceras felicitações, desejando vel-o em breve a gosar, envolvidos com os muitos e inconfundiveis louros conquistados durante a sua vida academica, os innumerous triumphos que conquistará indubitavelmente na vida pratica».

Da «Federação», de P. Alegre :

«Sabbado ultimo, ás tres horas da tarde, como noticiámos, defendeu these perante a banca examinadora da Faculdade de Medicina o doutorando Leopoldo Pires Porto.

A dissertação versava sobre a *Intoxicação pelo amor*, e foi elogiada unanimemente por todos os lentes, e considerada por um d'elles como a melhor que tem sido apresentada na faculdade desta capital.

Tratando de assumpto de actualidade e que envolve problema de educação social e, ao mesmo tempo, de responsabilidade criminal, a these do dr. Leopoldo Porto é considerada pelos competentes um trabalho de merito e digno da apreciação publica.

D'ahi o grande numero de professores, medicos, estudantes que affluiram ao acto da defesa, approvada com distincção.

O dr. Leopoldo Porto, que foi muito felicitado, vai mandar fazer reimpressão do seu trabalho, afim de attender ao grande numero de pedidos, e expol-o á venda».

Do jornal «O Tempo», do Rio Grande :

### «DA INTOXICAÇÃO PELO AMOR»

*Da intoxicação pelo amor* — é o titulo da these inaugural do Dr. Pires Porto, sustentada perante a Faculdade livre de Porto Alegre e approvada com distincção.

É um trabalho de valor accentuadamente litterario, fóra do estalão commum ás nossas theses, em geral de fórmula pouco cuidada, mercê do escasso tempo de que dispõe o sextannista.

A elegancia da fórmula e a pureza do estylo, a these reúne a subtilidade dos conceitos, disfarçada sob a apparencia de coisas communs, escriptas em uma linguagem simples, desataviada, de termos rebarbativos, tão do agrado dos que frequentam as regiões do psychismo.

Não é obra de fancaria para ser amesquinhada por um vocabulario encomiastico, sem uma palavra de critica, que atteste a sinceridade e o interesse da leitura.

A primeira impressão que assalta o espirito do leitor attento, mesmo pouco versado em assumptos medicos, é o quadro clinico quasi completo em todas as suas peças, desde a etiologia até á prophylaxia. Os factos coados através do temperamento do autor se adaptam ás exigencias do assumpto com uma presteza admiravel em questões biologicas, tão complicadas e discutiveis.

Tem explicação.

O terreno da acção, mal desbravado pela sciencia, offerece aos pioneiros litterarios farta mèsse de aspectos novos e extranhos, que a fantasia de cada um póde bordar das maneiras as mais variadas.

O amor foi em todos os tempos foreiro da poesia. De certo tempo a esta parte, a medicina tem procurado chamal-o á sua alçada, allegando direitos nem sempre baseados em criterios rigorosamente scientificos. Cada sciencia possui o seu methodo, como cada arte tem uma technica. A medicina baseia os arestos na observação e na experiencia; a hypothese — nunca contradictoria com os factos naturaes — só é admittida a titulo provisorio, afim de preencher lacunas deixadas pelas falhas dos methodos. Fóra disto, é o atravancamento dos estudos medicos com um montão de noções incompletas e erroneas.

Bem differente é a poesia, que póde se librar ás regiões ethereas sem as azas da sciencia. Sua *alma mater* é a imaginação, que se exerce sobre a universabilidade das coisas e dos factos, livre das exigencias restrictivas de um methodo.

A obscuridade que ainda envolve a pathologia do espirito, — mercê, em grande parte, de se estudar o cerebro como orgão independente do resto do corpo —, não auctorisar uma solução positivamente scientifica de todo o problema. Ha pontos de certeza, mas em compensação os ha duvidosos e, o que é peor, muitos inteiramente desconhecidos. Para fazer um estudo *completo* d'estas questões, só re-

correndo á imaginação como fonte de hypotheses, necessarias á *elucidação* do assumpto.

O Dr. Pires Porto tem manifestamente uma organização de poeta. Uma imaginação ardente e fecunda lhe fornece os elementos indispensaveis á confecção do brilhante escripto, como vamos vêr.

O amor-paixão, o amor de louco, cujo typo aponta em um romance de Daudet, *Sapho*, é uma obsessão que evolue do mesmo modo que as intoxicações voluntarias, ás quaes é perfeitamente comparavel pela pathogenia, symptomas, terminação e tratamento: reconhece como causa determinante a pessoa amada, real ou ficticia, como causas presdisponentes a loucura, a degeneração mental, o alcoolismo, a histeria e outras.

Este é o alicerce etiologico em que se baseia a these.

Psra escoral-o, o autor arrola testemunhas, em cujo depoimento o episodio amoroso se apresenta acanhado, apagado, entre as ruidosas manifestações degenerativas, ao lado das côres carregadas da ascendencia morbida, e documentos puramente litterarios, assignados por Zola, Aluizio de Azevedo e Goulart de Andrade. Argamassando estes elementos, a pujante imaginação do escriptor traça dos degenerados um quadro tão empolgante, que dhega a apparecer novo o assumpto de que trata.

Na pathogenia figuram um schema do Dr. Roux e um quadro de Fleury, que revelam a bôa vontade de objectivar concepções theoreticas, que, assim vistas, tornam-se mais claras, o que não quer dizer mais solidas. No schema do Dr. Roux, a presença da pessoa amada é o ponto da partida do influxo nervoso, o que parece excluir a hypothese do amor provocado por uma ficção.

Na symptomatologia colloca o ciume como terrivel complicação do amor. Admitte dois grãos de intoxicação do amor. Admitte dos grãos de intoxicação, maxima e media.

Tres são as terminações do amor doentio: — a volta ao estado de saude, que é a mais commum; — a morte, que pôde ser producto directo da obsessão ou a consequencia de graves alterações organicas concomitantes, entre as quaes enumera a tuberculose, a syphilis, o alcoolismo; — a alienação mental.

No tratamento especifica: nos casos graves o internamento do obsesso, que será submettido aos cuidados da hygiene physica e moral; a hetero-suggestão.

A prophylaxia se estende desde o nascimento até á completa idade adulta, visando evitar as causas predisponentes adquiridas, luctar contra as causas hereditarias, educar a vontade e enrijar o character. Deve ser interdito, ou pelo menos desaconselhado, contrariado, o casamento nos



casos de herança carregada, maxime da herança convergente bilateral; «mas, em pratica, embaraços e difficuldades de todos os generos nos assaltam...»

Como resumo prophylaxico vem o conceito final: «toda a vida do predisposto deverá correr debaixo dos preceitos da hygiene do corpo e da hygiene da alma e sua educação se resumirá numa orthopedia physica e moral».

Submettido o conjuncto da these ao criterio medico, não são pequenas as objecções, que, a nooso ver, seriam feitas, pois o assumpto explorado é daquelles sobre os quaes ainda está muito remota a ultima palavra da biologia.

Não é evidente que o entrelaçamento de factores *positivamente* obsessores (loucura, degeneração mental, hysteria, alcoolismo) com a *duvidosa* obsessão do amor doentio, cria a imperiosa necessidade clinica de concatenar factos e argumentos capazes de garantir, effectivamente, a autonomia da nova personalidade nosologica?

Sabido, como é, que — não ha nenhuma relação entre a causa provocante e as fórmãs de perturbações mentaes — e verificado mais uma vez, pela these examinada, que o amôr-paixão se manifesta, exclusivamente, nos individuos de estado mental defeituoso, cujo typo geral é o degenerado, não parece mais logico, mais scientifico, continuar a medicina a considerar o amor de louco, como tem feito até agora, uma manifestação episodica de differentes situações morbidas, isto é, um syndroma psychico, incapaz, absolutamente incapaz, de constituir uma entidade morbida definida?

Estas interrogações, que não são as unicas, podem ser feitas sem diminuir o valor intrinseco do trabalho do Dr. Pires Porto, que reconhecendo a extrema delicadeza do assumpto, se propõe, unicamente, a trazer um subsidio ao importante capitulo da medicina do espirito.

Submettesse elle o seu trabalho ao rigor do preceito medico, e não teria, talvez, escripto paginas tão interessantes, pois desappareceria um dos principaes motivos de originalidade que evidentemente tem a these — Da intoxicação pelo amor. — *Carlos Gabaglia*.

Da «Tribuna», de Santa Maria:

#### «UMA THESE»

O novvel e illustrado facultativo sr. dr. Pires Porto houve por bem dedicar á redacção da «A Tribuna» um exemplar de sua brilhante these inaugural discutida perante a faculdade de medicina de Porto Alegre.

Traz esse trabalho o titulo suggestivo de intoxicacão pelo amor.

A despeito das multiplas obrigações com que somos obrigados a dividir a nossa actividade intellectual, resolvemos, não obstante, ler as paginas do nitido e bem impresso folheto que nos vinha às mãos.

Uma coisa feriu desde logo o nosso espirito.

Vimos que o novel medico deixava de lado os doentes do corpo, como geralmente se diz, para occupar-se com os enfermos do cerebro, cahindo, consequentemente, sob a sua inspecção os doentes mentaes e moraes.

Esse facto nos predispoz sympathicamente para com o trabalho que se dignava enviar-nos.

Effectivamente, si reciprocas são as reacções do corpo sobre o cerebro, como tambem se diz em linguagem trivial, é fóra de duvida que as reacções deste sobre aquelle, si nem sempre são as mais fortes e apparentes, são todavia, as mais importantes. Para quantos doentes prescrevem-se outros tratamentos que não são os indicados pela verdadeira affecção, muitas vezes moral, que escapa á percepção clinica ?

Sabe-o melhor o intelligente auctor da these, motivo por que volveu as suas vistas para o mais delicado dos organismos—a séde das sensações multimodas do ser humano.

O dr. Pires Porto, porém, commetteu com a sua brilhante these inaugural um delicto de lesa-poesia.

Tobias Barreto, ao fazer em linguagem florida e imaginosa analyse de certo ponto do codigo criminal, disse que não pensassem que elle o havia tomado de lyra na mão.

O sr. Pires Porto fez o contrario.

Arrebatou a lyra aos poetas, ainda com mais facilidade do que Franklin o raio aos ceos e o sceptro aos tyranos, na phrase enthusiastica de Turgot.

Rasgou com o bisturi os poeticos vestuarios do amor, tal como o concebem os cultores da poesia, dando-lhe a fórmula de um individuo degenerado e doente.

Tomou depois o cadaver do infeliz degenerado, atirou-o sobre a mesa de um necroterio, serrou-lhe o craneo, descobriu o cerebro, estudando numa fria dissecação de analysta, anomalias e degenerescencias.

D'ahi, como é natural, tirou conclusões diametralmente oppostas ás concepções poeticas. Pobre amor !

Quando havias de suppôr que te reduziriam a um toxico perigoso...

Não nos cabe, entretanto, o encargo de retomar a lyra arremessada com irreverencia maxima para um canto.

Em poesia nem sequer em agua doce navegamos...

Vamos, porém, ao caso, ainda que pedindo venia, para invadir a alheia seara.

Poucas e frageis considerações expenderemos, mesmo porque o espaço e o tempo de que dispomos não nos permittem mais divagações.

Vasto é o cabedal de casos citados com a auctoridade incontestavel de notabilidades medicas.

A these em questão é um farto e instructivo repositório de factos sobre o assumpto desenvolvido.

A sua leitura prende, porque, além de ser interessante o assumpto de que trata, a impressão é nitida e a linguagem clara, escorreita, attrahente.

Fallece-nos competencia para oppôr qualquer contra-dicta aos casos morbidos, anormaes, deparados pelo novel medico na estrada que palmilhou.

Apenas não concordamos que o amor seja um toxico.

De facto, si o amor é são, harmonico, normal, completo, nos individuos sãos, normaes, completos sob o ponto de vista physio-psychologico, e o contrario nos individuos anormaes, sob o mesmo ponto de vista, é claro que disso se não pode concluir que o amor seja um toxico.

E sinão vejamos.

Disse o illustre auctor da these : — «De dois elementos se compõe o amor : o physiologico — um desejo ; e o psychologico — um sentimento.

Equilibrados ambos, convenientemente, apresenta-se o amor são, harmonico.

Mas um qualquer d'esses elementos sobrepuje ao outro, ao ponto de quasi absorvel-o, ganhe fóros de idéa fixa, restringindo o campo da consciencia, e estaremos em pleno dominio da pathologia.

Hypertrophie-se o sentimento com atrophia do desejo, e ha-de vir á luz o amor platonico, que já não é mais amor normal, amor completo.

Ha, por consequencia, ruptura de equilibrio e o amor é morbido».

Portanto, o amor não é um toxico, e, sim, um desequilibrio entre o sentimento e o desejo, si assim o quizer encarar sob o ponto de vista em questão.

O mesmo dá-se com certos generos de loucuras ou manias, isto é, existe tambem desequilibrio não entre o desejo e o sentimento, mas entre o poder subjectivo e objectivo do paciente.

Conforme predomina um ou outro, temos este ou aquelle genero de loucura ou mania.

E tão accessivel é esta constatação scientifica á experiencia pratica do proprio vulgo, que ao individuo affectado

de qualquer desses estados morbidos chama logo um desequilibrado.

Para o amor teríamos, segundo o conceito do auctor da these, desequilibrados de desejos e sentimentos.

O facto de muitos cerebros mostrarem-se inaptos á existencia normal do amor não é bastante para considerá-lo um toxico.

Nesse caso são as condições morbidas e anormaes de taes cerebros que intoxicam o amor, em vez de serem por elle intoxicados.

Eis a illação logica a tirar-se. E' claro que a tendencia sympathica dos entes de sexos diversos, determinada pelo natural, energico, e, não raro, perturbador instincto da reproducção da especie, instincto esse que no homem se racionaliza, como todas as demais prerogativas que no seu elevado grau evolutivo na escala zoologica lhe concede; é claro que nos individuos anormaes, degenerados, etc., o amor, o mais energico dos instinctos racionalizados, não possa deixar de resentir-se de taes anormalidades e degenerescencias.

Mas quantos individuos excetricos, irasciveis, misanthropos, etc., não se transformam, como por encanto, ao sentir a chamma bemfazeja do amor! ?

Esqueciamo-nos que é de toxicos, em pequena dose, que se compõe grande parte do arsenal therapeutico para os doentes do corpo.

Mas o amor não é um toxico em dose minima ou maxima.

Toxicas são para elle as condições dos cerebros anormaes e morbidos, as quaes constituem um meio inapto á sua existencia normal, não permittindo jámais o desequilibrio physio-psychologico encontrado pelo illustre auctor da these! — Z.

Do Jornal de S. Gabriel:

### INTOXICAÇÃO PELO AMOR

Dentre as theses que enriqueceram a nossa litteratura medica, figura, pela sua originalidade e seu alto criterio scientifico, a defendida, com a epigraphe acima, pelo dr. Pires Porto, na Faculdade de Medicina de nossa eapital.

Veu-nos ás mãos, com a dedicatoria do seu auctor, um exemplar d'esse documento auspicioso de uma verdadeira vocação, revelada logo de inicio por um trabalho a que o corpo docente d'aquella escola, e principalmente a banca examinadora, premiaram com justos louvores e não menos justa nota de distincção.

Assim de entrada nos seus deveres profissionaes, estabelecendo um estalão de competencia desde a sua estréa, o dr. Pires Porto, no dizer de seus lentes, tomava um serio compromisso com as lettras medicas, imprimindo-lhe uma nova fórma, uma cultura á parte, e quiçá um novo estimulo, creando um genero de applicação em que já não fosse sufficiente uma mera exposição ou dissertação de factos chimicos, e sim uma serie de deducções de ordem social.

Acabamos de ver confirmado o objecto dessas varias preoccupações n'um recente artigo tratado por Paulo Margueritte, escriptor celta que se dedica a estudos de economia e moral femininas e que, incidentemente, faz observações judiciosas sobre os males causados pelo Amor em geral, formando um proletariado de infelizes, uma theoria de victimas conscientes ou inconscientes.

Males d'essa ordem abrangem todas as sociedades, desde a pobreza até a riqueza, desde as uniões legaes até as illegitimas ou venaes, desde as fraudes do affecto até os contagios d'elle provenientes, desde os individuos em si até ás respectivas proles, das conveniencias matrimoniaes ás ligações morbidas, dos vicios venereos á hypocrisia humana, da ambição pelo ouro á exploração da mulhér.

Como se vê, o thema, de natureza complexa, teve uma das suas faces cuidada pelo illustre doutorando de medicina. Já cogitado pelo publicista francez, que, de longa data, vem desdobrando a sua these juridica, economica, moral e social, a prioridade, força é confessal-o, pertence, na especialisação que então, lhe foi dada por um e agora por outro, ao nosso joven clinico.

E' um singular avanço, em se considerando a differença de meios entre o de Porto Alegre e o da Europa e a nenhuma cultura entre nós existente a respeito do tão magno problema das reivindicações da mulher e do Amor, aquella submettida ainda a um regimen de oppressões masculinas, desvirtuado este na sua «vis» intima, nas suas grandes leis electivas e seleccionado na sua genese universal, no seu fim nobre, que é o prolongamento da cadeia da vida pelos elos dos affectos.

O dr. Pires Porto, como Paulo Margueritte, discute proficientemente esse «caso de consciencia» de não se dar, pela paternidade e pela maternidade morbidas, contaminadoras, perigosas, origem a cianças doentes e de não se levar ao companheiro de leito a infecção, o desespero, os desgostos incuraveis.

N'isso vae o illogismo das leis e dos costumes que concedem aos paes licença bastante para dar azas ao seu egoismo, á sua avareza, ao seu orgulho, aos seus preconceitos, sem preoccupações de ordem moral e scientifica. Co-

gitta-se menos de casamentos entre alcoolicos, tuberculosos, syphiliticos ou dementes, do que de ligações nas quaes de um lado ou de outro haja motivos para vaidades e cupidez tornando-nos cúmplices n'esses casos de consciencia, verdadeiros criminosos por interesse, por falta de escrupulos, por calculo, por motivos ridiculos ou por prejuizos sociaes.

Mas, para que se previna a hygiene conjugal, fôra mistér a intervenção, o conselho de um homem—o medico. Esse, uo entanto, por exigencias das leis, é obrigado a calar-se. Ante as desgraças familiares, ante a condemnação prematura dos filhos, ante os stygmas moraes ou physicos, ante todas as taras, ante considerações de ordem tão elevada pela saúde das gerações futuras, estaca o sigilo profissional. Provoca-se males sobre males, o inexoravel emfim, só porque ainda não se bateu esse outro reducto do segredo da profissão.

Desligado de tal compromisso, que até lhe affecta o criterio e a consciencia, o medico só poderia exercer uma acção benefica, salutar. Mas, deixa-se que os organismos se corrompam, que a propria raça defina atacada por virus ou impotencias moraes, que a infancia seja a victima imbelles das inconsequencias dos paes e famílias, para, em vez de sustar um perigo collectivo, se exigir um segredo que, quando muito, podia attingir um só individuo. Contra essa falta de logica, contra esse absurdo legal é que a sciencia se levanta com uma razão maior e mais poderosa.

O assumpto, como bem justifica Paul Margueritte nos seus artigos de combate, ainda ficaria adstricto á «consciencia» de cada um, dados os excessos supervenientes a uma educação social insufficiente. «Ninguem deveria casar-se sem primeiro consultar o medico, e ningnem deveria ultrapassar os seus conselhos ou as suas injunções. Aquelle que, considerando-se doente ou contagioso, se casasse em risco de contaminar a companheira e a sua descendencia; aquelle que, apezar da desapprovação dos medicos, commettesse friamente um crime, deveria, emquanto esperasse a severidade da lei e as justas compensações que ella, um dia, ha de exigir, só encontrar, por toda parte, o desprezo das pessoas serias, levantado contra o seu opprobio».

Aquí fica em resumo e fortemente confirmada por um pensador europeu a these do dr. Pires Porto, defendida com brilhantismo, equiparando-se em conceitos e verdades a trabalhos apresentados em centros de cultura mais intensiva.

Entre nós é uma originalidade, que torna original o talento do novel escriptor medico.

# Catalogo das edições e obras de fundo

DA

## LIVRARIA UNIVERSAL DE ECHENIQUE & C.

PELOTAS

Estado do Rio Grande do Sul -- BRASIL

### LITTERATURA

*Amor de Duas Irmãs*, por P. de Kock, obra essencialmente moralista e cuidadosamente delineada 1\$500. — *Amor de Perdição*, O mimoso e sentimental romance de Camillo C. Branco, em papel assetinado 1\$500. — *Anedoctas*, por Boca-ge contendo uma ligeira biographia e as mais interessantes producções satyricas do autor 1\$000. — *Cadaver*, (O), J. F. Elslander, estudo materialista 1\$500. — *Como afastar a guerra Brasileira e Argentina*, por Mario Guedes, 5\$000. — *Contos e chronicas*, Interessantes e apreciados, da penna do escriptor rio-grandense Roque Callage 5\$000. — *Conferencia*, do conselheiro Ruy Barbosa, no theatro Petropolis, em Petropolis, aos 17 de março de 1917, 1\$000. — *Contrastes e confrontos* por Euclides da Cunha, 6ª edição, com prefacio de José Sampaio, estudo critico do Dr. Araripe Jor. enc. 8\$000. — *Dama das Camélias*, (A), Dumas Filho, das obras que mais concorrem para sua enorme reputação litteraria, 1\$500. — *Deradeira Amor*, G. Ohnet, traducção de Germano Hasslocher, 3ª edição 2 vols. 3\$000. — *Discursos*, do Dr. Antonio José de Almeida, presidente da Republica Portuguesa, proferidos durante a sua estada no Rio de Janeiro, por occasião das festas commemorativas do 1º Centenario da Independencia do Brasil, 2\$000. — *Discursos e Conferencias*, do Conselheiro Ruy Barbosa, 8\$000. — *Entardecer*, (Ao), Romance notavel pelo vivo colo-

rido das scenas tragicas descriptas pela penna fulgurante de A. Cardoso 1\$000. — *Epidemia Política*, Comedia com uma scena intermediaria, 1\$000. — *Escrava Izaura*, popular romance por Bernardo Guimarães, 1\$500. — *Espirito das armas brasileiras*, (O), livro da mocidade — nossas guerras — factos e depoimentos pelo Dr. Fernando Luis Osorio, 5\$000. — *Estrychinina*, por Lobo, Tota e Azurenha, romance sensacional 1\$000. — *Evangelista*, A. Daudet, traducção de J. de Souza, romance moralista, 1\$000. — *Federation Iberique*, por Magalhães Lima director do «Seculo» de Lisboa e com prefacio de Augusto Vacquerie, importante estudo sobre a necessidade da confederação de Hespanha e Portugal, 1 grosso volume com o retrato do autor, 3\$000. — *Familia Inglesa*, (Uma) romance por Julio Diniz, 2 vols. 3\$000. — *Gaspar Martins e Julio de Castilhos*, — pelo dr. Viçtor de Brito, estudo critico de psychologia politica, com os retratos respectivos, 2\$000— *Grande Industrial*, ou o mestre de forjas, G. Ohnet, romance assaz conhecido pelas scenas de lucta moral de uma mulher energica, 2 vols. 3\$000. — *Graziella*, Lamartine. 1\$500.— *Guerra*, (A), Em torno da conflagração européa, leitura para o povo por um alsaciano, memoria elucidativa, \$500.— *Guerra no Rio Grande do Sul*, (A), suas principaes operações pelo tenente Francisco Rath e coronel Bento Porto, com minucioso mappa e notas explicativas de merecimento historico, 2\$000. — *Guia pratico* dedicado á humanidade em geral, especialmente aos que soffrem, 1\$000. — *Historia de Portugal*, popular e illustrada, já em 3ª edição por M. Pinheiro Chagas, com grande numero de photographias dos vultos e monumentos mais celebres da mãe patria. Obra nitidamente impressa em grande formato, capa decorada com arte e folio dourado, um vol. 10\$000. — *João Mornaz*, Jules Claretie, que com este apreciado trabalho de grande successo em França, logrou extender a sua já consumada fama de romancista 1\$500. — *Lendas do Sul*, J. Simões Lopes Netto, populario. E' a ultima producção publicada pelo auctor, contendo o conto inédito «A Salamanca do Jarau» e o «Negrinho do Pastoreio». Recommendamos este trabalho a todos os riograndenses 1\$000. — *Livro Verde*, Ministerio das relações exteriores — guerra da Europa — documentos diplomaticos — attitudo do Brasil 1914-1917, 8\$000. — *Lgrimas e sorrisos*, — do celebre poeta e escriptor syrio-libanez Kalil Gibran, conjuncto de pensamentos, inclinações, e sensibilidade, traducção de J. Mereb, 4\$000. — *Lama*, — Romance de combate, por Carlos Cavaco, 5\$000. — *Machado de Assis e Joaquim Nabuco* commentarios e notas á correspondencia entre estes dous escriptores, por Graça Aranha, 10\$000. — *Marinheiro*, (O) romance do apreciado escriptor e illustre official de marinha Pierre Lotti, 1\$500. — *Marquez de Seiglière*, O mais bello e emocionante romance de Julio Claretie, bem



cuidada traducção de Pinheiro Chagas, 1\$500. — *Maximas e Pensamentos*, extrahidos de diversas obras e procurando reunir o que ha de mais interessante, 1\$000. — *Memorias de Cleaveau*, por Alexandre Dumas Filho, drama muito commovente... 1\$000. — *Memorias de uma Cantora*, Só uma mulher é capaz de descrever com tamanha verdade o desenvolvimento da mulher; só ella sabe descobrir as fibras mais intimas do seu coração. Leitura realista, só para homens, 3\$000. — *Memorias de um doido*, Romance contemporaneo, por Lopes Mendonça, socio effectivo da Academia Real das Sciencias de Lisboa, alto estudo de psychologia 1\$000. — *Minas de Salomão*, Haggard, primorosa traducção do notavel Eça de Queiroz, 1\$500. — *Monarchia e Monarchistas*, pelo conselheiro Tito Franco de Almeida, do Instituto Historico, obra publicada em 1895 com grande successo e muito interessante pelo sua vasta documentação, vol. em grande formato de 500 paginas, 3\$. — *Monstro allemão*, (O), Atila e Joanna D'arcopuscule offerecido a Junta Patriotica do Norte e cujo pro ducto de venda se destina á sua obra de assistencia aos orphãos de guerra — por Guerra Junqueiro, 1\$000. — *Machado de Assis*, — Paginas escolhidas das obras do grande romancista, colligidas por Alberto de Oliveira e Jorge Jobim. (Collecção Aurea) enc. 10\$000. — *Na luz da liberdade*, — por Carlos Cavaco, sensacional narrativa dos acontecimen tos após ter sahido do carcere, 3\$000. — *Noites de Plantão*, romance policial, por Amando Caiuby, 4\$000. — *Noite na Taverna*, contos phantasticos por Alvares de Azevedo, \$200. — *Odio Antigo*, A. Rocha, dois vols. que completam um dos roman ces da Collecção Economica que maior successo alcançou, 5\$000. — *Paiz de ouro e esmeralda* de J. A. Noguei- ra, romance em que se estuda a formação da raça brasilei ra, enc. 6\$000. — *Patria nova* A formação mental da mocir- da brasileira. A maior necessidade do Brasil. A intelligen- cia nacional. O idealismo americano, etc. Obra proveitosa, des problemas nacionaes, por Mario Pinto Serva, 5\$000. — *Pelotas e seus destinos* conferencia civica, de Baptista Pe- reira, 1\$000. — *Plano Pan-Germanista desmascarado*, — a temivel cilada berlineza da «Partida Nulla» por André Ché- radame — obra acompanhada de 32 mappas, 4\$000. — *Prin- cezas do Amor*, (As), Judith Gautier, romance de costumes japonezes, obra de toda actualidade. Excellente livro que encerra no estylo e no enredo a estranha poesia, óra forte óra suave da vida japoneza. E' uma obra prima da littera- tura franceza, trabalhada com a forma brilhante e segura observação de Judith Gautier, 3\$000. — *Processo e Julga- mento*, de José Cardoso Vieira de Castro, contendo os dis- cursos de defesa propria no celebre processo que lhe foi ins- taurado, 2 volumes, 3\$000. — *Quatorze mezes na Pasta da Ma-*

*rinha*, de Veiga Miranda, 10\$000.—*Raphael*, por Lamartine. Como todos os trabalhos do apreciado escriptor francez Raphael fala pela inspirada e grandiosa alma da mocidade, numa sublime e poetica lição de amor, 2\$000. — *Região em litigio*, entre este mundo e o outro, R. dalle Oven, traduzido da 3ª edição ingleza pelo marechal F. R. Ewerton Quadros. Na bibliotheca espirita esta obra occupa saliente destaque, encadernado, 4\$000. — *Reis no exilio*, A. Daudet, desvenda as amarguras de um exilio e o agonizar de uma dimnastia, 1\$000. — *Rio Grande do Sul*, descrição physica, historica e economica. Obra de grande merecimento, que obteve as mais honrosas referencias e apreciações. Indispensavel na bibliotheca dos rio-grandenses, pelo dr. Alfredo Varella, 5\$. — *Romance de um moço pobre*, por O. Feuillet, 2\$000. — *Rinção*, — por Roque Callage. Valorosa. contribuição ás letras rio-grandenses, são estes contos sobre os nossos costumes, escriptos nesta linguagem tão nossa e feitos sobre as tradições gaúchas, 5\$000.—*Ruy Barbosa e o Rio Grande do Sul* conferencia feita no Rio de Janeiro a 27 de Abril de 1923 pelo Dr. Baptista Pereira, 4\$000.—*A segunda mulher* romance, por Eugenia Marlitt, nova edição, 4\$000.—*Sermões da montanha* A religião e o povo—por Thomaz da Fonseca, 8\$000. — *Tristezas a Beira Mar*, romance do apreciado estylista portuguez M. Pinheiro Chagas; fala á alma e ao coração. Recommenda-se tambem como leitura, analyse e composição para as escolas, 1\$500. — *Terra Gaúcha*, Scénas da vida rio-grandense por Roque Callage, agora reeditado. Ha muito que se fazia sentir sua falta nas livrarias, com a incessante procura dos rio-grandenses que não dispensam em sua bibliotheca livros sobre os «pagos». Obra de saudades dos velhos e tradicionaes costumes gaúchos, das querencias, dos pampas, taes como os contos «Pessimismo de guasca», «Civilização», «Saudades», 3\$000. — *Unidade Nacional*, conferencia realizada em Porto Alegre em 1883 pelo dr. Assis Brasil, propaganda republicana, 1\$000. — *Voluntarios do Martyrio*, factos da guerra civil no Rio G. do Sul. Obra que acompanha todas as operações do exercito federalista no Rio G. do Sul e depois uma marcha nos Estados de S. Catharina e Paraná, acontecimentos estes descriptos pelo dr. Angelo Dourado, coronel do exercito libertador. Um volume em grande formato com 432 paginas 3\$000. — *Valor Estrategico da Cidade de Pelotas*, plano da defesa do Rio Grande do Sul e vantagens agricolo commerciaes que delles resultam, pelo dr. Octacilio Camará em 2.ª edição, 3\$. — *Vandalismo no Rio Grande do Sul*, notas para a historia pelo major Euclides B. Moura, 1\$000. — *Vereda das ameixas*, P. de Kock romance ale-gre, 1\$500. — *Virilisação da raça* Como levantar o nosso Paiz. O atrazo social do Paiz. O grande erro de Pedro II. A riqueza é o trabalho. A criação

de um povo. A maior necessidade do Brasil etc, etc, por Mario Pinto Serva, 5\$000.

## POESIA

*Ascensões e Declínios*, — O brilhante poeta do «Altar da Rima» e festejado artista do «Do som, da cõr, e do perfume», havia affirmado seus meritos literarios, inscrevendo-se entre os cultores do verso aprimorado no torculo da Fôrma. Querendo, entretanto, pôr em relevo o seu alto poder de artista, pensou nas «Ascensões e Declínios» e, num feliz retorno lyrico, escreveu versos ao alcance de todos os seus leitores. Dahi a anciedade com que foi esperada «Ascensões e Declínios» e a incessante procura que vae tendo o novo livro de Coelho da Costa 2\$000. — *Caminho da luz*, — bello poema por Manoel do Carmo, 1\$000. — *Cancioneiro Guasca*, Escolhida collecção de contos e poesias rio-grandenses dos seus melhores autores, vasto repertorio das mais bellas tradições do povo gaúcho, composto pelo nosso incansavel patricio J. Simões Lopes Netto. Em dez capitulos : As lendas, antigas dansas, descantes, poemetos, trovas, poesias historicas, desafios, dizeres, etc. O «Cancioneiro Guasca» é um livro indispensavel a todo patriota que zela e ama as tradições de sua terra, 2ª edição melhorada e augmentada pelo autor, 3\$000. *Canções da Decadencia*, por Mementado de Albuquerque, musa realista, 1\$000 — *Colheitas de ouro* poema rural, do consagrado poeta riograndense Jorge Salis Goulart, 3\$000. — *Comedia da Vida*, versos alegres para gente triste por Diavolo (Zeferino Brasil). Da Academia de Lettras do Rio Grande do Sul, 2ª série, 2\$000. *Do som, da cõr e do perfume*, escolhidos sonetos por Coelho da Costa, (da Academia de Lettras do Rio G. do Sul) 2ª edição, 2\$. — *Os filhos da Candinha* poesias humoristicas, de Octacilio Gomes, 3\$500. — *Folhas inspiradas* poesias, de Galba de Paiva, 6\$000. — *Musa em ferias*, idilios e satyras—de Guerra Junqueiro, 2\$000. — *Noite cheia de estrellas* versos, de Adelmar Tavares, 4\$000. — *Oscillantes*, Sonetos por Julieta de Mello Monteiro, 1\$000. — *Poetas brasileiros* paginas escolhidas dos maiores escriptores—colleccionadas por Alberto de Oliveira e Jorge Jobim, 2 vols. encs. 20\$000. — *Rithmos* poesias de Tito Osorio Torres, 5\$000. — *Rito pagão* poesias, da inspirada poetisa Rosalina Coelho Lisbõa. Obra premiada pela Academia Brasileira de Lettras, 4\$000. — *Sarçaes*, poesias por Pinto Botelho, 1\$000. — *Syblilinas*, Rica e escolhida collecção de poesias e recitativos, 2\$000. — *Simple*, (Os), Nova edição, de Guerra Junqueiro uma das obras de maior successo do autor, 1\$500. — *Sonetos do Exilio*, de D. Pedro de Alcantara, recolhidos por um brasileiro, 1\$200. — *Tentação do Bispo*, (A), pelo dr. A. Gomes da Silva, poemeto heroi-

comico, com illustrações d'Eduardo Ferreira, 2\$000 — *Trova-  
dor Rio Grandense*, Escolha de lindas poesias, modinhas, re-  
citativos, melodias, etc. já em 4ª ed. 2\$000. — *Velhico do Padre  
Eterno*, por Guerra Junqueiro. A obra mais popular do  
genial poeta. Nova edição 1 volume 3\$000. — *Visão de Co-  
lombo*, phantasia theatral, pelo dr. Pinto da Rocha, folheto  
em papel pergaminho impresso a duas côres, 2\$000. — *Vovó  
Musa* versos por Zeferino Brasil — Reconhecido como um  
dos melhores trabalhos do autor já em 2ª edição, 3\$000.

